THESE

DO

Dr. Simões Barbosa

HYGIENE DA PRIMEIRA INFANCIA

VIVER PARA OUTREM

HYGIENE

DA

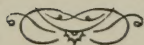
Primeira infancia

PELO

Dr. Adolpho A. Simões Barbosa

THESE SUSTENTADA PERANTE A FACULDADE DE MEDICINA

E

APPROVADA COM DISTINCÇÃO

RIO DE JANEIRO
Typographia Universal de H. LAEMMERT & C.
71, Rua dos Invalidos, 71

1883

Á MEMORIA

DE MEUS AVÓS

DE MEUS TIOS

DE MINHAS IRMÃS

A MEUS PAIS

A MINHAS IRMÃS

A MEUS IRMÃOS

A MINHAS CUNHADAS

A MEU CUNHADO

A MEUS SOBRINHOS

Ao meu bom e presado amigo

DR. JOSÉ E. TEIXEIRA DE SOUZA

Ao Illm. Sr.

MANOEL J. DA COSTA CARVALHO

E SUA EXMA. FAMILIA

A meus Primos, e especialmente aos

Illms. Srs.

JOAQUIM A. BARBOSA COELHO

JOSÉ ALVES BARBOSA

CARLOS ALVES BARBOSA

E sua Exma. Familia

Aos Illms. Srs.

DR. JOÃO RAYMUNDO PEREIRA DA SILVA

TENENTE-CORONEL MANOEL MARTINS FIUZA

DR. ANTONIO AMANCIO PEREIRA DE CARVALHO

E suas Exmas. Familias

AOS AMIGOS

JOSÉ PARENTE VIANNA

LUIZ PARENTE VIANNA

JOÃO FERNANDES PARENTE VIANNA

ENGENHEIRO CIVIL MANOEL MARTINS FIUZA JUNIOR

DR. FRANCISCO DO R. BARROS FIGUEIREDO

BERNARDINO CANDIDO DE CARVALHO

DR. AUGUSTO V. LINS DE ALBUQUERQUE

DR. ANTONIO CARVALHO PALHANO

DR. RODOLPHO DE PAULA LOPES

Aos Illms. Srs.

MIGUEL LEMOS

R. TEIXEIRA MENDES

ENGENHEIRO CIVIL CYPRIANO TORRES DE CARVALHO

HONORINO GUIMARÃES PINHEIRO

RUBEM JULIO TAVARES

CAPITÃO-TENENTE ELIEZER COUTINHO TAVARES

GABRIEL ILDEFONSO DAS NEVES CARDOSO

ANTONIO FERREIRA BALTAR SOBRINHO

E suas Exmas. Familias

AOS AMIGOS DE MEU PAI

Os Illms. Srs.

MANOEL JOSÉ DA CUNHA PORTO

COMMENDADOR FRANCISCO R. PINTO GUIMARÃES

CORONEL JOSÉ DE SOUZA LEÃO

MANOEL FRANCISCO DA SILVA NOVAES

COMMENDADOR PAULINO PIRES FALCÃO

COMMENDADOR JOSÉ PEDRO DAS NEVES

E suas Exmas. Familias

Ao Illm. Sr.

ANTONIO JOSÉ VICTOR DE MEDEIROS

E sua Exma. Familia

Ao Illm. Sr.

DR. THOMAZ DO BOMFIM ESPINDOLA

E sua Exma. Familia

AOS MEUS ILLUSTRADOS MESTRES

Exm. Sr. Conselheiro

DR. JOAQUIM MONTEIRO CAMINHOÁ

Illms. Srs.

JOSÉ FERREIRA DA CRUZ VIEIRA

DR. JESUINO LOPES DE MIRANDA

E suas Exmas. Familias

Ao Exm. e Revm. Sr.

CONEGO FRANCISCO ROCHAEL DE MEDEIROS

Aos Illms. Srs.

TENENTE-CORONEL ANTONIO AURELIANO LOPES COUTINHO

DR. SYMPHRONIO CESAR COUTINHO

JOAQUIM NUNES MACHADO COUTINHO

ANTONIO AURELIANO LOPES COUTINHO JUNIOR

DR. JOÃO BEZERRA DE MELLO

E suas Exmas. Familias

AOS AMIGOS

Drs.

RODOLPHO DE MORAES COUTINHO

AFFONSO LOPES DE MIRANDA

GENERINO DOS SANTOS

ARCHIMEDES CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

FRANCISCO C. DE VASCONCELLOS CHAVES FILHO

EDUARDO AUGUSTO DA SILVEIRA

ESTEVÃO JOSÉ CARNEIRO DA CUNHA

ANDRÉ DIAS DE ARAUJO

PERMINIO DE ABREU E LIMA FIGUEIREDO

ANTONIO PEDRO DAS NEVES

PEDRO CELESTINO DE ARAUJO

FRANKLIN WASHINGTON DE ALMEIDA

AOS BONS AMIGOS

ENGENHEIRO JOÃO ZEFERINO FERREIRA VELLOSO

REVmo. PADRE JOSÉ ZEFERINO FERREIRA VELLOSO

AOS AMIGOS

AGRIPINO CESAR COUTINHO

CHRISTIANO CESAR COUTINHO

MARCIANO FERREIRA ARMOND

Aos Illms. Srs.

DR. JOÃO CROCKATT DE SÁ

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

DR. INNOCENCIO SERAPHICO DE ASSIS CARVALHO

DR. ANTONIO JOSÉ DA COSTA RIBEIRO

DR. ANTONIO FRANCISCO CARNEIRO DA CUNHA

ZEFERINO FERREIRA VELLOSO

E suas Exmas. Familias

Ao Exm. Sr. Conselheiro

SENADOR JOÃO FLORENTINO MEIRA DE VASCONCELLOS

E sua Exma. Familia

AO CENTRO POSITIVISTA

A MEUS COLLEGAS

Ao distincto e sympathico ami-
go o Dr. Oliveira Sampaio

Off.ce O Auctor

DISSERTAÇÃO

HYGIENE DA PRIMEIRA INFANCIA

Introducção fundamental

On ne doit essenciellement penser qu'à deux choses, d'abord la vertu, puis la santé.

(LEIBNITZ).

O dualismo philosophico caracteristico da vida, e que nos está a patentear a dependencia mutua entre o ser vivo e o meio, augmenta de intensidade com a complicação crescente dos organismos.

Ao percorrer a escala biologica, desde o seu gráo mais elementar, o vegetal, passando pelo intermedio, o animal, até o homem, gráo supremo dessa jerarchia, ostenta-se-nos logo a subordinação cada vez maior que une os seres vivos ao meio exterior.

No vegetal, cuja organização muito simples apenas offerece-nos a observar as reacções directas ou as continuas permutas materiaes que realizão-se entre elle e o meio, simples tambem é essa dependencia; no animal,

porém, composto de vegetalidade e animalidade, já complicação nova vem augmentar-lhe as relações mesologicas; no homem, emfim, o mais complexo dos seres cujo attributo é a vida, a dependencia intima sóbe de ponto, pois multiplas relações crêa-lhe a nova vitalidade que o distingue, estreitando os laços que o prendem ao meio.

Neste ultimo caso a influencia mesologica actúa por dous factores—os antepassados e o mundo; a acção cosmica se exerce então em um organismo profundamente modificado, trabalhado pelas instituições protectoras com que o cerca o meio social.

Queirão ou não os metaphysicos, todo o homem é obra do conjuncto enorme dos predecessores, e esta fatalidade jàmais será abalada por ingratas, estereis e inglorias revoltas.

Parte integrante da Humanidade, da qual separado fôra uma abstracção impossivel, é por ella que o homem domina o mundo, e soffre as modificações necessarias ao seu constante progredir.

Entre o homem e o mundo é preciso a Humanidade, disse Augusto Comte. É, pois, soffrendo continuamente a dupla influencia do meio cosmico e social, que cada individuo dirige-se na vida, modifica-se e aperfeiçoa-se. E esses ensinos, modificações e aperfeiçoamentos resumem-se todos no mais delicado dos apparelhos humanos —no cerebro, nessa *dupla placenta permanente entre*

o homem e a Humanidade, segundo ainda a bella definição subjectiva do maior pensador moderno.

Para sempre considerada multipla a alma humana, como a instituio o eminente Gall, seria o cerebro theatro de lutas infecundas, si não conseguisse reger os orgãos subordinados, harmonisar-lhes as funcções, estabelecendo a unidade individual. Mas o homem, como já dissemos, não vive isolado e independente, fórma com a sociedade um só systema em que as perturbações de um de seus orgãos têm inevitavelmente a retumbarem como éco as variações de todos os outros, e reciprocamente. Esta correlação nas funcções dos dous organismos, o individual e o collectivo, bem nos está a demonstrar a necessidade de uma cohesão entre todos os orgãos do meio sociologico, firmando a unidade collectiva, da qual depende essencialmente a individual.

É, em verdade, difficil semelhante cohesão, mas nem por isso impossivel de verificar-se, satisfeitas duas condições, a saber: submissão a uma potencia exterior que contenha por seu valor as divergencias individuaes, e preponderancia de um sentimento sympathico subordinando os motores egoistas. De facto, só o conhecimento da invariabilidade da ordem exterior, exhibindo a nossa fraqueza individual, póde congregar os esforços dos diversos elementos que constituem o organismo social em busca de um fim unico — a felicidade collectiva,— pelas

modificações de que é susceptivel a fatalidade que nos rege. Comtudo tal cooperação fôra impossivel, si não obdecessem todos ao mesmo impulso.

No vasto campo de observações que nos offerece a historia, o que vêmos senão succederem-se as gerações em labor continuo ao serviço de outrem, guiadas pelo mesmo sentir, unidas pela mesma crença?

É, pois, o concurso do *amor* e da *fé* que assegura a harmonia collectiva.

A unidade individual proclama alto a existencia de uma potencia dominadora, refreiando-nos os moveis egoistas, e subordinando-os aos altruistas por ella estimulados. É dessa dôce submissão que resulta a harmonia cerebral ou animica, e, por conseguinte, a das visceras ou corporea que della depende, em virtude das intimas relações que ligão o physico ao moral do homem.

Dahi deprehende-se que a saude só é compativel com essa harmonia, e que necessariamente depende da fé dirigente; dahi decorre ainda que a molestia propriamente dita é cerebral em sua origem.

Para maior clareza do que até aqui havemos exposto, proseguiremos em algumas considerações.

Augusto Comte, tendo por principal precursor o illustre Gall, dividio as faculdades do homem em—affectivas, especulativas e activas—correspondendo ás tres regiões do cerebro, das quaes só a activa e a especulativa

estão em relação directa com o mundo exterior, uma pelos nervos motores e a outra pelos nervos sensitivos; a região affectiva só recebe a influencia exterior indirectamente, por intermedio das regiões precedentes, mas está em connexões nervosas directas com as visceras pelos nervos nutritivos.

A estas ligações nervosas ajuntão-se as ligações vasculares, de sorte que pelos laços dos systemas nervoso e sanguineo a união do cerebro ao corpo fica estabelecida. A região affectiva estimula a vida de nutrição, e as duas outras coordenão a vida de relação, isto é, sob o impulso continuo das faculdades affectivas as intellectuaes e as praticas dirigem as relações passivas e activas da alma com o meio.

Augusto Comte, concebendo a massa affectiva sem meios directos de communicação com o exterior, não fez mais do que prolongar e systematisar, como elle mesmo diz, o bom senso popular, que acredita cego o sentimento.

Pelo estudo statico que acabamos de esboçar, podemos já prever que a fixidez dos nossos sentimentos, origem de todos os actos, decorre da fixidez de nossas opiniões, porque são ellas que, guiando a actividade humana, os modificão. São, pois, as opiniões que gerão os sentimentos que as acompanhão em suas variações.

Ora, si a saude é o resultado da unidade cerebral, si esta suppõe a unidade collectiva que depende da

estabilidade exterior, é claro que as audepublica, tanto com a privada, continuarião em successivas oscillações, si o advento de uma doutrina plenamente aceita não conseguisse dirigir os homens, esclarecendo com radiante luz o campo da actividade humana. Só então logrará termo a luta revolucionaria entre o espirito e o coração pelo decisivo triumpho do sentimento.

É o coração quem impelle, o espirito aconselha, e o caracter executa.

O coração ou o sentimento é quem inspira; é elle quem dominará.

No fetichismo, onde reina soberano o sentimento, diz o Dr. Audiffrent serem raras as epidemias, muito pouco conhecidas mesmo, nos povos catholicos antes do decimo terceiro seculo.

Para quem deduz as theorias da observação bem feita dos factos, o livro do professor Fuster (*) é uma exhuberante confirmação da theoria formulada por Augusto Comte sobre a molestia e as epidemias. O professor Fuster appensou á sua monographia interessante quadro indicando a marcha e o progresso da affecção catarrhal desde o supracitado seculo até o anno de 1860, e nelle vê-se o numero sempre crescente de epidemias, coincidindo com

(*) *Monographie clinique de l'affection catharrale*, par J. Fuster, professeur de clinique médicale à la Faculté de Montpellier, etc.—1861.

os progressos mais ou menos rapidos da decomposição religiosa.

O espirito humano a conquistar leis naturaes incompatibilisava para sempre os dogmas theologicos, substituia á fé sobrenatural, que se apagava, a fé demonstrada, que surgia com a sciencia, o arbitrario das vontades divinas pela immutabilidade das relações de successão e semelhança entre os phenomenos reaes.

A ultima fórma da synthese theologica que conseguio harmonisar por algum tempo o sentimento com as opiniões, graças ao senso pratico de seus incansaveis propagadores, cahio tambem em face das novas e decisivas conquistas.

Desse desmoronamento inevitavel vêmos ainda as consequencias na instabilidade cerebral que caracteriza a geração hodierna, a constituir uma verdadeira predisposição a molestias de todas as especies, principalmente a certas affecções nervosas completamente desconhecidas no quadro nosologico dos antigos.

Os cerebros sem ponderação pela ruptura da harmonia catholica, que destruio toda autoridade espiritual, deixarão-se dominar pelos instinctos egoistas, e refreiárão os impulsos sociaes. Esta exaltação da personalidade oppõe-se a qualquer tentativa de unidade, sómente possivel pela coordenação de todos os nossos actos em torno de um sentimento sympathico.

Com o que dissemos, julgamos provar que a molestia origina-se na anarchia do sentimento, factor unico de todas as operações humanas ; que, sendo indirectas as relações do sentimento com o exterior, modifical-o só é possivel pelas reacções dos actos e das opiniões.

Que solução dar ao problema que se nos apresenta?

Elle é por demais complexo, e deve tornar-se o alvo de toda a nossa solicitude pela urgencia que nos impõe a gravidade de seu estado.

« Cahimos em dissolução mesmo physicamente », como diz o Dr. Audiffrent.

É á Hygiene, ordinariamente definida—arte de conservar a saude,—que pedem-se os meios de obstar a propagação do mal que nos contamina. Mas em que base assenta ella? E desse fundamento podem-se deduzir regras que satisfação o fim que se tem em vista, abrangendo em seus preceitos todas as condições do problema?

Fundados na Biologia pretendem os hygienistas com os elementos que esta base lhes offerece traçar regras de conducta a cada individuo com o intuito de manter-lhes entre os orgãos a harmonia que constitue a saude.

O dominio da Biologia, já demasiado largo, não attinge as mais nobres e mais complicadas funcções do homem. Por dilatadissimo que seja o ambito de seus estudos, ha limites que o circumscrevem, e que ella não póde transpor, sem graves prejuizos na interpretação dos

phenomenos que um methodo insufficiente tem tentado esclarecer.

A investigação biologica fica adstricta no estudo do homem ao que elle tem de commum com o animal, á vegetalidade e a animalidade; mas, além desses phenomenos, apresenta o homem outros mais delicados cuja superioridade evidente o erige —rei—entre os animaes: são os phenomenos moraes, cuja base acha-se exactamente nos outros inferiores, e que constituem objecto de uma sciencia mais especial e complicada, preparada pela Biologia.

Fundamentando-se toda na sciencia biologica, que lhe dá apenas o conhecimento de uma parte da natureza humana, a Hygiene não attinge o fim que se propõe, porque o homem é o mais indivisivel dos seres vivos, e, por conseguinte, todo estudo que isoladamente fizer-se da alma ou do corpo será mutilado, fornecerá noções incompletas e superficiaes.

Já o grande Hyppocrates sabia e ensinava que « no organismo humano tudo conspira, tudo concorre, tudo consente».

Antes de applicar preceitos á nossa natureza, é preciso conhecel-a em todos os elementos.

Estudar as funcções moraes, isto é, as funcções humanas propriamente ditas, não é tarefa a cargo da Biologia, que a este respeito só faz promover-lhes o advento scientifico, e preparar-lhes as difficeis pesquizas.

A Hygiene não resolve o problema complexo que se apresenta, ao contrario complica-o, estimulando os instinctos egoistas em detrimento do altruismo, base da unidade, condição da saude. O desenvolvimento physico é o unico resultado que ella alcança. As tentativas de direcção moral, que os hygienistas têm emprehendido, permanecem estereis em virtude do empirismo em que os deixa a falta de noções integraes sobre o homem. Como regular o que não se conhece? Os trabalhos de George Leroy, continuados por Gall e terminados por Augusto Comte, desvendarão-nos a mais bella das organizações até então incompletamente observada através do espesso véo com que a obscurecião a theologia e a metaphysica. Fôrão estes immortaes investigadores que derão cunho de positividade ás concepções sobre o homem.

Bebendo na Biologia as noções de que dispõe esta sciencia, o estudo das leis da nossa natureza exige para o emprehender conhecimentos que sómente a *Sociologia* é capaz de fornecer. Por não estar ainda creada esta sciencia, não coube inteiro exito à prematura construcção de Gall.

Augusto Comte, explorando o passado, analysou a evolução humana, e, entre a variedade dos factos historicos, apprehendeu-lhes as relações, observou-lhes a constancia, descobrio-lhes as leis. Estava constituida a

Sociologia. Com taes elementos novos e os dados que lhe offerecia a tentativa de Gall, estabeleceu Comte a verdadeira theoria da nossa natureza. A *Moral theorica* ficava creada.

Desse estudo do homem é que derivão-se as regras proprias a todas as idades da vida; isto é, passa-se do abstracto—a sciencia—ao concreto—a arte—e institue-se a *Moral pratica* ou a *Educação*, cujo objectivo é o aperfeiçoamento de nossa especie, tornando-a melhor, mais activa e mais intelligente para adaptal-a ao serviço continuo da Humanidade.

Sempre foi essa a preoccupação dos sacerdocios antigos que da observação directa do homem deduzirão regras para a sua dupla natureza physica e moral, inimigas embora as considerassem, porém sempre inseparaveis em suas prescripções: os cuidados ao corpo fôrão applicados ao lado dos preceitos moraes.

Em todos os tempos foi assim a Hygiene subordinada á Moral. Hoje ella intenta, rebelde, libertar-se de tal jugo, mas é elle necessario, e devemos continuar systematicamente a obra espontanea dos sacerdocios theologicos.

É, pois, a Moral pratica ou Educação que institue o aperfeiçoamento humano. É ella a primeira das artes, como diz Augusto Comte, a que aperfeiçôa a acção, melhorando o agente.

Fundada na existencia natural dos instinctos sympathicos, a educação positiva procura desenvolvel-os, subordinando os instinctos egoistas, de accôrdo ainda com o principio physiologico de que a funcção desenvolve o orgão.

A educação positiva prepara o homem para a Familia, a Patria e a Humanidade.

Viver para outrem é a sua fórmula capital.

PRIMEIRA PARTE

INSTITUIÇÃO DA PRIMEIRA INFANCIA

I

CONDIÇÕES SOCIOLOGICAS DA PRIMEIRA INFANCIA

L'homme s'agite et l'Humanité le mene.
AUGUSTO COMTE.

SUMMARIO

Dependencia absoluta da criança. — Consequencias. — Dependencia especial em relação á Humanidade.—Dependencia cosmologica (através da Humanidade).—Dependencia em relação á Familia e respeito necessario desta dependencia, através da qual são soffridas todas as outras.

A sociedade foi sempre o meio em que evoluio o homem. Nunca viajante algum o encontrou senão identificado a um ser collectivo. Rousseau, suppondo um estado em que o homem, qual fera, vivêra isolado nas selvas, mostra-nos a desordem de seu cerebro, cuja imaginação a funccionar anarchica não submettia-se ao correctivo da observação.

Desde a Familia, o mais elementar grão da sociedade, até a Humanidade, a mais vasta collectividade que nos domina, em todos os tempos e em todos os logares, vê-se o homem unido a seres semelhantes, que, como elle,

soffrendo a fatalidade do meio exterior, procurão modifical-o, a principio sem opinião a respeito, simplesmente pelas disposições naturaes e necessidades physicas, depois pela intervenção illimitada dos deuses, e por fim, pelo conhecimento positivo de nossa justa capacidade modificadora, que engrandece a submissão sem tolher a audacia.

As condições creadas pelo meio physico e social soffre-as a criança, quasi sem reacção, passivamente, em virtude de sua delibidade caracteristica.

Fraca de intelligencia, e, portanto, faltando-lhe o regulador de uma actividade cujos orgãos são ainda deficientes para reagir contra a sua situação, afim de se lhe adaptar, acha-se a criança em absoluta dependencia dos meios que a cercão.

Disto resalta a consequencia de que no estudo da vida infantil devem-se guardar em consideração perenne as circumstancias varias em que a collocão as condições acima apontadas; isto é, as reacções entre a criança e o meio, e as relações que a ligão á Familia e á Humanidade não deverãõ cessar de estar presentes ao espirito do medico, que não póde deixar de ser moralista.

A *continuidade*, a unir as gerações que se succedem, encadêa as diversas phases da evolução humana, transmittindo-nos o impulso dos que já vivêrão. Cada um de nós tem a origem nas primeiras idades do genero humano,

ás quaes prende-nos uma serie continua de familias, cooperando todas para o estado actual da especie, segundo leis invariaveis, naturaes e artificiaes.

É conformando-nos com ellas que actuamos proficuamente.

Diz o Sr. Laffite :

> Ceux qui ne croient pas les subir ignorent les origines de leurs pensées et de leurs affections; ils ne savent pas de qui ils sont fils, voilá tout.

Os phenomenos prendem-se uns aos outros como o presente prende-se ao passado, ligando-o ao futuro. A vida de hoje suppõe a vida de hontem. Ha uma ordem que nos subordina.

Ninguem vive por si, todos *vivem por outrem* e *para outrem.*

A esta fatalidade necessaria é submettida a criança, e cada vez mais com os progressos da civilisação.

Mas não é só no tempo que entrelação-se as gerações, estreita-as no espaço um élo forte — a *solidariedade* — sempre subordinada á continuidade social.

Ficaria infructifera a acção dos mortos, si os contemporaneos não lhes servissem de orgãos; de modo que, os primeiros fornecem a impulsão, os elementos e os processos de nossas operações, e a actualidade os põe em pratica ou desenvolve.

Todavia, é muito mais importante a dependencia da

criança para com os mortos que a dominão e dirigem. «Les vivants sont toujours, et de plus en plus, gouvernés par les morts», conforme a lei de Augusto Comte.

Os phenomenos da ordem social e moral, como os de toda a ordem universal, si são inalteraveis em seu arranjo, são modificaveis na intensidade de suas manifestações, e a facilidade modificadora cresce na razão directa da elevada classe que elles occupão na série hierarchica. É a compensação consoladora que nos offerece a imperfeição natural.

Assim, desde a influencia geometrica do terreno até a influencia moral do exemplo, sobre todos os factores que nos modificão, o poder humano tem acção crescente, pois a mesma complexidade dos factores multiplica-lhe os meios de augmentar-lhes ou diminuir-lhes as energias, segundo as nossas proprias vantagens.

A Humanidade sempre generosa em seus feitos, e cada vez mais consciente de suas forças, não desampara seus filhos, crêa-lhes instituições que os abrigão, e, aperfeiçoando-lhes a natureza, torna-os melhores. Era já regra theocratica «conhecer para melhorar.»

Para provar o que expendemos basta comparar a mulher primitiva com todas as suas imperfeições physicas, intellectuaes e moraes, a mulher que substituia o homem nos trabalhos exteriores e grosseiros, a sua escrava, com a mulher de hoje, delicada e terna

companheira, typo essencialmente moral, para vêr quão profícua foi a acção da Humanidade, e quanto ella esmerou-se em fazêl-a a mais sublime de suas obras.

Ninguem o negará, a mulher moderna é uma verdadeira creação da Humanidade.

É essa natureza profundamente modificada que perpetua-se na criança, resultado da cooperação de todos os seus antecessores, resumo das modificações introduzidas pela Humanidade nos cerebros imperfeitos dos seus ascendentes.

Sentimentos, actos e opiniões, tudo respira a providencia humana que a sciencia demonstra.

Pela hereditariedade, pois, a criança recebe das gerações que a precedêrão não só as qualidades physicas, como as intellectuaes e moraes, aperfeiçoadas por um trabalho evolutivo de muitos seculos.

A luta chimerica entre o homem e o mundo, que o grande Bichat imaginou para caracterizar a vida, assentando em um pretenso antagonismo entre o mundo organico e o inorganico, é resquicio de erro metaphysico naquelle cerebro avido de concepções positivas. Nem se póde conceber semelhante conflicto, no qual o meio sempre victorioso destruiria a vida ; onde irião os corpos vivos haurir a força necessaria para superar mesmo temporariamente um tal obstaculo? pergunta Augusto Comte.

O fundador da Biologia tornára contradictoria a noção fundamental, pois supprimia um dos elementos necessarios a constituir a harmonia, que é a condição da vida.

A concepção positiva da vida, qual a tiverão Blainville e Augusto Comte, exige não só um organismo apto a comportar o estado vital, como um meio conveniente que lhe sirva de manancial perenne de principios assimilaveis. A renovação material contínua caracteristica suppõe a dependencia estreita do ser ao meio que lhe é tambem fonte perpetua de calor, luz, electricidade, etc., necessaria a essa renovação.

As perturbações vitaes originão-se, ora nas modificações individuaes, ora nas alterações do meio ambiente. O organismo vivo agita-se entre certos limites de variações das influencias exteriores, que transpostos destroem a vida, ou pelo menos a alterão. Tanto mais afastados são esses limites quanto mais baixo o grão que occupa o ser vivo na jerarchia biologica: no homem que a termina é nimiamente estreita esta dependencia. Para compensar, porém, tamanha contingencia, a multiplicidade funccional, tornando o homem mais modificavel, augmenta-lhe as energias de reacção ás variações do ambiente que elle procura adaptar ás suas necessidades.

Á vida animal, que Augusto Comte considera simples aperfeiçoamento juntado á vida organica, é que o ser

vivo deve o *discernir* e o *apprehender* os materiaes necessarios á sua manutenção e de modificar favoravelmente as circumstancias que o rodeão.

Assim, a criança, como todo o ser cujo attributo é a vida, só póde ser concebida subordinada ao meio cosmologico. Mas esta influencia cosmica se exerce em um organismo, em que immensas modificações effectuarão-se, como já dissemos, no lento, mas fecundo caminhar de gerações immorredoras.

Intermediaria á infancia e ao cosmos, repetimos, está a Humanidade, através da qual se estabelece a submissão da criança ao mundo.

É a familia o elemento mais simples a que a abstracção póde chegar na contemplação do organismo social. A Familia, a Patria e a Igreja não representão grupamentos distinctos, porém gráos diversos da mais vasta e complexa existencia collectiva—a Humanidade, á qual todos estão unidos por laços indestructiveis.

No recinto do lar surge a criança dependente da Familia, como o fructo da arvore que o produz. É a familia que lhe prepara o advento, ella que lhe afasta as influencias nocivas, ella que elabora, por assim dizer, os materiaes proprios á sua alimentação, tornando-os assimilaveis, ella, emfim, que influe immediatamente sobre a sua existencia.

No estreitado circulo em que esse meio a encerra, encontra já a criança os primeiros delineamentos da sociedade em que mais tarde viverá.

Recebendo do Pai a protecção material e da Mãi a iniciação na educação, o infante prepara-se physica, intellectual e moralmente para amar e servir a Humanidade, principio e fim de suas operações.

Entretanto, utopistas revolucionarios tentão arrancar a criança ao meio domestico que lhe convem para atiral-a em um mais vasto, é verdade, porém necessariamente prejudicial á primeira phase da vida.

Nós, que não desconhecemos as relações que ligão a Familia á Humanidade, e que nunca separamos estes dous termos, vendo em um o laboratorio onde formão-se os elementos que compoem o outro, só podemos aconselhar a permanencia da criança no seio da familia como fóco mais benefico e carinhoso, como unico meio que ella deve vantajosamente conhecer até á idade em que novas relações engrandeção o circulo de seus conhecimentos.

É pela Familia que a Humanidade e o Mundo manifestão-se activos sobre a criança.

II

CONDIÇÕES MORAES DA PRIMEIRA INFANCIA

SUMMARIO

Posição da questão.—Caracteres da vida organica da primeira infancia.—Caracteres da vida animal da primeira infancia. — Caracteres cerebraes da primeira infancia. — Perturbações pathologicas da primeira infancia. — Do equilibrio material e moral da primeira infancia.—Conclusão.

Ainda hoje não existe entre os biologistas accordo na divisão que fazem das idades. Bazeão-se todos nas modificações diversas que se operão no organismo, e servem-se da que lhes parece mais notavel para limitar os periodos da evolução vital que se tocão. Ora, é muito difficil perceber as modificações subtis que passão-se na evolução individual do organismo, e marcar-lhes onde termina um periodo e começa outro. Querem uns o systema quaternario, em analogia ás quatro estações do anno, aos quatro humores, aos quatro elementos; adoptão outros o systema semelhante aos dias da semana.

Limitando o nosso estudo á primeira infancia, maior

é ainda o desaccordo. A primeira e a segunda dentição, como factos realmente notaveis, têm servido para termos divisorios dos primeiros periodos da vida. A isto, parece-nos, poder-se-ha objectar que a primeira dentição não se presta a limitar a primeira infancia; porque, além de facto provisorio, não vemos nesse pretendido periodo terminal e no seguinte modificações que possão determinar-lhes uma separação.

Mais bem avisados, sem duvida, andárão Hippocrates, Stahl, e outros com elles, levando a primeira phase da vida até á segunda dentição, isto é, até aos sete annos, não só porque é esse facto definitivo, como tambem acaba uma serie de modificações muito notaveis, tanto no que respeita ao physico, como ás funcções intellectivas e moraes. Comprehendêrão perfeitamente isto os catholicos e os jurisconsultos, negando a imputabilidade ás crianças menores de sete annos.

Augusto Comte, de accordo com os seus principios de classificação, fez subjectivamente a divisão das idades, tomando para base o numero 7 em virtude de suas propriedades numericas subjectivas.

Estudando rapidamente as condições moraes da primeira infancia no que esta offerece de caracteristico, seguiremos as deducções moraes de Augusto Comte; e, como são pouco conhecidas as theorias deste grande e fecundo pensador, e entre muitas a theoria cerebral,

esboçaremos esta a proposito dos caracteres cerebraes da primeira infancia, ao que somos ainda levados pelas necessidades ulteriores do plano que adoptámos para esta dissertação.

O caracter fundamental do primeiro periodo da vida é formado, como diz Hufeland, pelo desenvolvimento continuo do organismo ainda inacabado. Podemos dizer que este periodo é a continuação da phase embryonaria, da geração, que, iniciada no organismo materno, vem completar-se no exterior.

Os orgãos não preenchem as funcções que lhes são proprias senão na proporção do desenvolvimento e formação; e, pois, as funcções não começão nem extinguem-se simultaneamente. Dos orgãos vegetativos, uns, já formados, desenvolvem-se, modificão-se e aperfeiçoão-se, outros são transitorios, inuteis à vida extra-uterina, como o thymus, o canal arterial, arterias umbilicaes, orificio de Botal, etc., e desapparecem com as modificações funccionaes que se operão na economia infantil, tendo por principal agente a respiração pulmonar que se estabelece no momento de nascer; outros, emfim, os dentes, despontão dos quatro aos oito mezes para ao depois cahir e ser substituidos por novos que constituem a segunda dentição: a primeira evolução dos chamados — dentes de leite — constitue a primeira dentição.

A primeira infancia é com razão considerada, por

alguns autores, um trabalho critico cujo fim é produzir, formar, desenvolver.

Compôr e decompôr é o phenomeno fundamental da vida: são os dous termos do movimento continuo, pelo qual o organismo haure do meio os materiaes proprios á sua conservação e crescimento, e restitue-lhe os productos transformados em substancias que não podem permanecer no seu interior ou cuja permanencia lhe é nociva.

Nem sempre, todavia, estes dous tempos da nutrição guardão entre si as mesmas proporções.

Na infancia o movimento assimilador predomina sobre o desassimilador. A circulação, a respiração, a absorção, emfim, todas as funcções da vida organica marchão com rapidez enorme. Dahi a importancia das funcções digestivas e assimiladoras, principalmente dos systemas lymphatico e glandular.

É esta vida vegetativa que exhubera e predomina, que explica o desenvolvimento rapido do corpo, que attinge nos primeiros annos da existencia a metade do crescimento total futuro. Tudo ahi nutre-se, tudo augmenta, porém nem simultaneo, nem igual, como já dissemos, é o crescimento dos diversos orgãos da economia; uns adiantão-se, avanção na marcha, e chegão cedo ao seu volume total; proseguem outros mais lenta e vagarosa evolução.

Sensações e movimentos são as duas manifestações da contractilidade e da sensibilidade como attributos da vida animal.

As sensações, como os movimentos que ellas produzem, são internas e externas.

Durante a gestação, a vida uterina, o feto move-se, agita-se por estimulos sensitivos vagos e confusos visceraes e das expansões nervosas dos tecidos que operão sobre o eixo cerebro-espinhal, e são a expressão das primeiras necessidades.

É assim que o estado de flexão de um membro póde tornar-se doloroso para a criança em uma certa época e provocar movimentos, da mesma sorte que o estimulo do meconium accumulado no intestino. (Broussais).

É a partir do nascimento que orgãos especiaes chamados orgãos dos sentidos dão passagem aos estimulos exteriores, e começa a irradiação das sensações externas.

Para muitos physiologistas são os orgãos dos sentidos em numero de cinco, porém Blainville os elevou justamente a oito, desdobrando o tacto em quatro sentidos differentes: musculação, calorição, electrição e tacto propriamente dito. Por oito modos differentes, pois, o organismo póde ser impressionado; e as sensações que dahi resultão produzem sempre um movimento immediatamente ou ficando como imagem a determinal-o mais tarde.

As sensações actuão na época do nascimento pelo

despertar dos instinctos,cujos orgãos,a que se referem as suas necessidades, já são proprios a agir. Assim o que provoca vivamente o recem-nascido a apprehender o seio não é necessidade produzida pelo seio, mas porque entre este e o orgão do instincto de conservação da criança estabelece-se relação reciproca.

Nas primeiras épocas da vida as sensações em geral são menos vivas comparativamente ás que se hão de perceber ainda.

O fim proprio de toda a sensação é provocar um movimento, como diz o Sr. Laffite. É a reacção do organismo sobre o mundo exterior, ou sobre si mesmo como no phenomeno da nutrição.

Os movimentos manifestão-se na existencia fetal, desde as primeiras semanas do desenvolvimento, pois que basta a presença de uma fibra contractil em connexão com uma cellula motora, por intermedio de um nervo, para que elle se origine.

A solidariedade dos dous apparelhos nervoso e vascular estão subordinados todos os actos organicos. A provocação dos movimentos reflexos que explicão todos os actos internos deve ser attribuida ao sangue, estimulante geral dos tecidos.

Todos os movimentos que se dão no feto e na criança nos primeiros tempos da vida são reflexos e involuntarios. Só posteriormente com o habito são as contracções que

produzem os movimentos submettidas à acção cerebral, e tornão-se voluntarias. Destes ultimos movimentos alguns ha que passão a involuntarios após exercicios habituaes. Basta a este respeito lembrar a attenção fixa, que a criança emprega quando pretende dar os primeiros passos, e os progressos que ella faz depois na marcha sem intervenção cerebral.

Os movimentos excitados dominão a criança; da grande necessidade de mover-se resulta a sua agitação constante.

Antes de caracterizar o estado cerebral da primeira infancia, devemos fazer a exposição analytica das funcções elementares do cerebro.

Até Gall era o apparelho cerebral considerado orgão unico e séde exclusiva da intelligencia que então englobava funcções multiplices, acreditando os physiologistas residirem nas visceras os sentimentos e as paixões. A esta supposição erronea não escapárão Bichat e Cabanis.

Dispondo de materiaes que faltárão aos seus precursores, e impellido pelas solicitações sociaes urgentes, Gall pôde arrancar ás visceras as propriedades moraes que lhes erão attribuidas, e mostral-as no cerebro, estabelecendo-o definitivamente sublime apparelho das multiplas operações humanas. Sentimentos, idéas e actos ficárão para sempre constituindo funcções organicas do apparelho cerebral, o mais poderoso dos mecanismos.

Prematura, a construcção de Gall não escapou a graves aberrações na textura intima da theoria; comtudo esta tentativa teve de profundamente capital e essencialmente novo dar uma séde a funcções indeterminadas, precisando-lhes o estudo.

A. Comte, com mais sufficientes dados sobre a zoologia e a anatomia comparada, ligou este estudo ao conjuncto do organismo, e, servindo-se do methodo subjectivo, unico empregado nos estudos moraes, esclareceu a physiologia do cerebro, construio a theoria cerebral positiva.

Espirito e *coração* são os dous vocabulos que o instincto universal consagrou á distincção de nossas funcções especulativas e affectivas. O termo *coração* tem sido empregado com um duplo sentido, ora exprimindo a affeição que nos incita a agir, ora significando a energia directora da acção. Dahi a distincção das funcções cerebraes em affectivas, especulativas e activas, constituindo as funcções activas o *caracter*. Depurando a palavra *alma* de toda accepção mystica, podemos aproveital-a para exprimir o conjuncto dessas funcções ou faculdades. E assim temos a alma humana composta do *coração*, que impelle a agir, do *espirito*, que o aconselha, e do *caracter*, que dirige a acção. As funcções ou faculdades *affectivas* correspondem a orgãos da parte posterior do cerebro, as *activas* a orgãos da parte média, e as *especulativas* a orgãos da região anterior.

As faculdades affectivas decompoem-se em *personalidade* e *sociabilidade*. Sómente no homem a sociabilidade attinge maximo desenvolvimento. Por isso nelle, em quem a unidade é altruista, a personalidade, indispensavel á existencia do ser, subordina-se á sociabilidade, o que determina sempre grande luta entre o egoismo e o altruismo, mesmo nas almas bem formadas. Fazendo a repartição dos motores affectivos, Augusto Comte dividio-os em interesse directo ou fundamental—e sentimento social. Entre estes extremos, porém, collocou elle o interesse indirecto ou *ambição*, sentimento de fórma composta ou mixta, pessoal em seu destino e social quanto ao meio.

Temos, assim, o *interesse*, a *ambição* e a *sympathia*. O interesse directo soffre divisão nos animaes em que existe disposição a melhorar as condições de existencia, e refere-se á *conservação* e ao *aperfeiçoamento*. A separação dos sexos mostra na serie zoologica o instincto da conservação da especie.

Augusto Comte qualifica de *nutritivo* o instincto da conservação individual em virtude de seu principal officio: nenhum poderia existir sem elle, que tem por séde organica a parte média do cerebello.

O instincto *sexual* occupando as partes lateraes do cerebello, e o *materno* que tem por séde a parte mais posterior do cerebro, immediatamente acima do cerebello, constituem os orgãos da conservação da especie.

O instincto materno, na apparencia motor social, foi justamente collocado por Augusto Comte entre os impulsos egoistas, pois elle não exprime outra cousa mais do que o amor, o apêgo aos nossos productos.

Na ordem de dignidade crescente e energia decrescente, em que é feita a classificação das forças elementares do cerebro, vêm-se os dous instinctos de aperfeiçoamento: o *destruidor* collocado ao lado do instincto materno, o *constructor* acima.

Estes dous instinctos são ainda chamados um de *militar*, outro de *industrial.*

O mais grosseiro egoismo é, pois, constituido por cinco instinctos.

O interesse indirecto ou ambição soffre uma divisão fundamental em—*orgulho* ou necessidade de dominio collocado ao lado do orgão industrial, e em—*vaidade* ou necessidade de approvação collocado acima. O primeiro é unido ao orgão destruidor a que elle assiste muitas vezes; o segundo confina com o orgão constructor; um impelle ao *commando,* o outro ao *conselho.* Como a vaidade é profundamente modificada pelas influencias sociaes, alguns observadores, como Helvetius e Larochefoucauld, confundirão-a com a sociabilidade. Na existencia do orgulho e da vaidade reside, como faz notar Augusto Comte, a origem da separação dos dous poderes em temporal e espiritual.

Completão a serie das funcções affectivas os instinctos sociaes ou altruistas. São estes os mais nobres impulsos da nossa natureza, os que nos incitão ao serviço de outros, porém são tambem os menos energicos de todos. Gall os distinguio perfeitamente em *apêgo*, *veneração* e *bondade*. O primeiro suppõe a igualdade, e tem pleno exercicio na vida domestica; o segundo suppõe a superioridade, tornando possivel a submissão voluntaria; o terceiro suppõe a inferioridade, e estabelece a protecção aos fracos—é a caridade ou o amor universal dos christãos. Os orgãos correspondentes a estas funcções são continuos e situados na região cerebral superior; a bondade está em relação com as funcções intellectuaes que ella inspira, posterior lhe fica o da veneração, e aos lados desta o do apêgo.

Sendo dezoito o numero das funcções elementares do cerebro, pela simples enumeração dos moveis affectivos, confirma-se o que avançámos na introducção deste trabalho a respeito da preponderancia do coração sobre o espirito. Occupando a principal massa do cerebro, os instinctos, em numero de dez, apenas deixão disponiveis oito orgãos ás outras funcções.

No ponto de vista da educação, vê-se aqui como é importante o conhecimento dos motores de todos os nossos actos. Podemos conhecer as inclinações predominantes, bôas ou más, para favorecel-as ou reprimil-as.

Passando ao estudo das funcções mentaes, vemol-as dividirem-se em *concepção* e *expressão*. Ainda que no estado normal a *expressão* subordine-se á *concepção*, tudo concorre a provar que têm ellas uma existencia distincta, porém inseparaveis nas o perações intellectuaes. A concepção é passiva ou activa, recebendo a primeira o nome de *contemplação*, e a segunda ode *meditação*. Por uma o espirito recebe do exterior, por intermedio dos orgãos dos sentidos e dos ganglios sensitivos, os materiaes necessarios ás nossas construcções; ella fornece-lhe as idéas ou as imagens: jogando com estes elementos, procede a outra a combinações mais ou menos geraes, com o fim de esclarecer a conducta habitual; ella produz os pensamentos.

A *contemplação* apresenta dous modos distinctos: um, synthetico, refere-se aos seres, dá-nos imagens completas, é a *contemplação concreta;* outro, analytico, refere-se aos phenomenos, dá-nos imagens incompletas ou decompostas, é a *contemplação abstracta*. Nosso espirito precisa, para seus usos theorico e pratico, não só das idéas concretas, mas tambem das idéas abstractas, sempre artificiaes, que elle elabora, destacando as propriedades dos seres que as revestem: as idéas concretas são especiaes, as abstractas caracterizão-se pela generalidade, em virtude da qual accommodão-se a muitos objectos.

A *meditação* decompõe-se, segundo grande numero de pensadores, em *inducção* e *deducção*. Meditamos de dous modos distinctos: ou estabelecendo principios e comparando-os para terminar pela generalisação, isto é, induzindo, ou tirando consequencias, coordenando para systematisar, isto é, deduzindo. A meditação inductiva estuda as relações de semelhança, a deductiva as relações de successão.

Deste modo fica a *concepção* constituida por quatro operações necessarias: a observação dos seres, depois a dos phenomenos; a elaboração dos principios, precedendo a das consequencias.

Esta serie especulativa termina-se com a faculdade de *expressão*, funcção imprescindivel á existencia social.

Diante das leis que regem a existencia humana, conhece o homem a esterilidade dos esforços isolados para modificar a dura fatalidade que as caracteriza, e une-se a seus semelhantes para, em concerto habitual, empregarem as actividades e superarem os obstaculos que a natureza oppõe á realização de seus projectos. Mas fôra baldio um tal tentamen de concurso, si os homens, como tambem os animaes superiores, não tivessem a propriedade de transmittir os seus pensamentos e os seus sentimentos aos seres que comsigo vivem. Como faz notar Augusto Comte, é preciso que antes de reagir cada um faça distinctamente conhecer suas emoções ou

projectos, afim de obter a sympathia ou a assistencia de outrem. Preenche essa funcção a *linguagem*, a qual consiste em uma combinação de signaes, servindo á permuta de sentimentos e de idéas. Augusto Comte define *signal*—a relação constante que liga uma sensação a uma contracção, de modo que a sensação lembra a contracção e reciprocamente. Donde conclue-se que qualquer contracção, qualquer movimento, constitue um signal que recorda a emoção que o provocou, e serve, por conseguinte, para a communicação. Para manifestar-se o signal basta, portanto, que intervenha a região affectiva; mas os signaes não fórmão verdadeira linguagem senão quando, a *expressão* subordina-se ás quatro funcções de concepção, de que já fallámos.

O espirito, como acabámos de vêr, compõe-se de cinco funcções distinctas irreductiveis, e occupa a parte anterior do cerebro. A contemplação abstracta tem por séde a zona média inferior, em relação, por sua parte superior, com o orgão da deducção; a contemplação concreta jaz assestada de cada lado da contemplação abstracta, acima dos olhos e um pouco inclinada para o ouvido vizinho; a meditação deductiva na linha média, em relação com o orgão da bondade; a meditação inductiva jaz mais para fóra, e em contacto mais directo com o orgão da observação. O orgão da *expressão* assesta-se em cada extremidade da região especulativa.

Muitas funcções a que os physiologistas querem dar orgãos especiaes, como o juizo, a imaginação, a memoria, etc., são funcções complexas, e que exigem a cooperação de todas as faculdades especulativas.

Si o coração impelle-nos a agir, si a intelligencia esclarece-nos sobre a conveniencia ou inconveniencia da acção, e fornece-nos os meios de satisfazer aos desejos, é claro que novas funcções são necessarias para a execução dos nossos planos. É ao *caracter* que cabe tão digno papel. Este novo conjuncto funccional decompõe-se em tres elementos — *coragem*, *prudencia* e *perseverança* ou *firmeza*. Comprehende-se facilmente a necessidade de admittir estas tres funcções, sem as quaes fôra impossivel todo successo pratico. Como agir sem coragem para emprehender, sem prudencia para executar e sem firmeza para realizar? Todo trabalho theorico ou pratico suppõe o concurso destas tres aptidões, que correspondem aos nossos tres orgãos — o excitador, o retentivo e o mantenedor dos movimentos.

A firmeza occupa séde mediana entre a vaidade e a veneração; aos seus lados está a prudencia, e a coragem posteriormente ao lado do orgão impar da vaidade. É evidente que todas as funcções d'alma, cujo quadro acabamos de expôr, são o resultado da organização cerebral, pois que a criança não poderá manifestal-as, senão quando os orgãos respectivos se achão proprios a agir.

O *sentir* e o *desejar*, que são dos instinctos feições caracteristicas, tanto activas como passivas, regem a primeira época da vida infantil. Todos os actos desse organismo elementar são determinados por um instincto predominante, que é ordinariamente o instincto nutritivo: é a *personalidade* sómente que o anima.

Avançando na vida, uma pequena *sociabilidade* toma parte na producção das acções infantis.

Habituados os sentidos da criança á influencia do mundo exterior, inicia-se-lhe a observação; com a contemplação concreta surgem-lhe phenomenos novos, os phenomenos intellectuaes: ella começa a adquirir o que se chama idéa ou imagem dos corpos.

A criança, como os organismos elementares ou animaes superiores, não é capaz de nenhuma previdencia pela comparação das diversas situações; é a reproducção das imagens anteriores, produzindo as mesmas emoções, que a faz executar os mesmos actos. A acção continuará céga como o impulso que a provoca, emquanto não a esclarecer o juizo que provém da região especulativa.

Os signaes pelos quaes a *expressão* infantil traduz as emoções experimentaes ou espontaneas, como a necessidade de alimento ou de repouso, a alegria ou a dôr, são mimicos ou phoneticos, istoé, são formados pela decomposição dos gestos e dos gritos espontaneos.

Os signaes artificiaes, que são um producto social, é

que progressivamente se vão tornando para a criança um estimulo da abstracção insufficiente.

Na execução dos desejos infantis manifesta-se em geral a timidez devida á exaltação da conservação pessoal ou instincto nutritivo.

Emfim, podemos considerar a criança, sob o ponto de vista da caracterização cerebral, como sob outros aspectos, um homem completo, cujos orgãos ainda embryonnarios se fôssem modificando pelas acções hereditarias e desenvolvendo mais ou menos rapidamente sob os estimulos do meio physico e social.

Entre o phenomeno hygido e o anormal, não ha differença senão na intensidade dos primeiros. 'Em nenhuma época o homem é mais sujeito a essas variações vitaes, as molestias, do que na limitada de um lado pelo nascimento, e do outro pelos sete annos. Os autores que occupão-se das molestias infantis fallão todos na extraordinaria frequencia dellas neste periodo da vida, e as estatisticas feitas sobre a mortalidade geral de cada paiz mostrão-nos o grande contingente com que entrão essas delicadas organizações na lei fatal da morte. Perturbações leves, que em outras idades não passarião de insignificantes indisposições, revestem na criança gravidade insolita, de modo que, quando não extinguem a vida, deixão o tenro organismo profundamente abalado, tal é

a feição nova que lhes imprimem as condições especiaes da infancia.

A grande dependencia que submette o organismo ao meio indica-nos que a molestia só póde provir do interior ou do exterior. Mas as perturbações que se dão no meio não determinão estado morbido qualquer, senão quando o cerebro, impotente pela ruptura da unidade que caracteriza a saude, não póde reagir e restabelecer o equilibrio ameaçado.

O instincto nutritivo, sentimento que preside á unidade transitoria da vida infantil, é o que excita e regula a acção da medulla e do grande sympathico, sob os estimulos de cujos apparelhos realizão-se os phenomenos vegetativos dos tecidos.

Ora, este instincto, já em erethismo pela actividade visceral propria á infancia, cresce em super-excitação quando uma funcção, por influencia modificadora qualquer, entra em jogo excepcional. Si, em virtude da predisposição morbida existente, a perturbação visceral, retirada a causa excitadora, em vez de dissipar-se, persiste, manifesta-se logo um estado spasmodico, e a acceleração circulatoria local, que torna-se nova causa de excitação. Então, e em virtude de movimentos reflexos, estabelece-se a confusão das percepções internas, no meio das quaes o instincto acha-se impossibilitado de promover, por contracções convenientes, reacções capazes

de remover os obstaculos. Assim a harmonia compromettida desfaz-se de todo, e a ruptura da unidade é completa.

Si á predisposição creada pela grande actividade da vida organica da criança juntarmos a fragilidade de seus orgãos, e a sympathia que une entre si todos os apparelhos, e sobretudo a hereditariedade morbida, que faz com que os organismos, attingindo os limites extremos da modificabilidade, não podem soffrer as menores variações exteriores, teremos explicado a frequencia das perturbações pathologicas da infancia, e o perigo de que se cercão.

Na infancia, mais do que no adulto, o menor desregramento funccional repercute em todo o organismo, provoca perturbações do systema inteiro, quasi sempre manifestadas por symptomas nervosos gravissimos. Taes phenomenos nada mais são do que a expressão exagerada da solidariedade que existe entre os apparelhos de um todo indivisivel, onde tudo conspira e consente, na linguagem do fundador da medicina.

Si a actividade enorme das funcções vegetativas na criança faz com que o perigo nas molestias seja facilmente attingido, deve-se a esta mesma actividade a prompta conjuração dos receios com a remoção dos obstaculos, quando não são estes incompativeis com a vida. De facto, as molestias na primeira infancia são

ordinariamente de fórma aguda, ou matão em poucos dias, ou desapparecem em breve tempo.

É de conhecimento geral que o orgão mais activo mais facilmente soffre desarranjos. Por isso os symptomas morbidos na infancia encontrão-se de preferencia manifestados pelos orgãos vegetativos. Depois destas perturbações seguem-se na frequencia as alterações das funcções animaes, e, finalmente, as alterações cerebraes. Esta gradação, esta successão é o que tambem observa-se na genese de todo estado morbido completo: aos symptomas vegetativos seguem-se os symptomas animaes e por fim os cerebraes.

A existencia infantil fluctua entre o torpor e a agitação.

Já temos dito que a harmonia das funcções constitue a unidade, condição da saude, e que toda a unidade suppõe sempre a presidencia de um sentimento preponderante. Ora, na criança, como já vimos, a preponderancia sentimental está a cargo do mais poderoso movel egoista—o instincto nutritivo, que opéra a ligação da vida vegetativa á vida cerebral por intermedio da medulla e do grande sympathico. Mas os moveis egoistas não são capazes de nenhuma ponderação, emquanto as suas necessidades não se achão satisfeitas; donde a unidade egoista só póde ser passageira, e o equilibrio material e

moral instavel da criança fica a ameaçar-lhe constantemente a saude assim oscillante.

Só os estimulos exteriores que irão progressivamente despertando a sociabilidade poderão tornal-a continuamente preponderante e produzir a verdadeira unidade.

Esta subordinação de modo algum infringe as leis da organização cerebral e vegetativa, porque os moveis pessoaes se collocarão apenas ao serviço dos impulsos sociaes, sem cessar sua vigilancia continua pela conservação do ser.

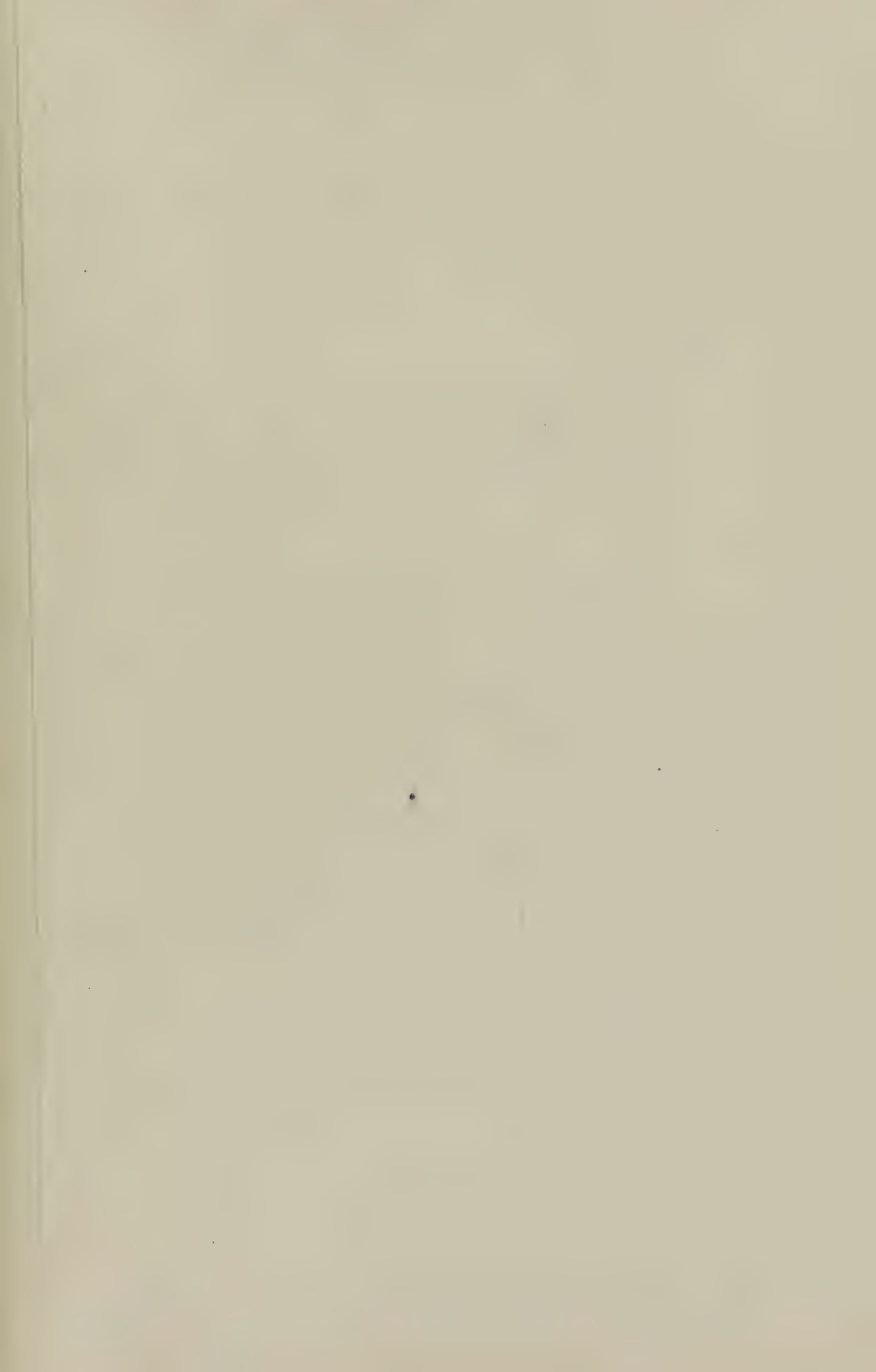
A dedicação e a protecção carinhosa dos pais são os estimulos que a criança encontrará para desenvolver-lhe o *apêgo* aos cooperadores mais immediatos de sua existencia: dahi o sentimento da *veneração* aos mais remotos e dignos de seus predecessores.

O desenvolvimento deste dous sentimentos incitará a evolução da *bondade*, e por sua vez esta despertará a expansão do orgão principal da intelligencia —a meditação—em virtude de sua profunda connexão organica.

As fraquezas intrinsecas da bondade e da razão poderão, por uma cultura sentimental bem combinada, resistir á energia dos grosseiros impulsos; e assim a *personalidade* incoherente ficará subordinada á *sociabilidade* systematisada.

A actividade seguirá espontaneamente o duplo impulso harmonico do espirito e do coração.

Em conclusão do que havemos exposto resahe que o ponto de vista moral é com effeito, como diz Comte :

O unico proprio a fazer activamente prevalecerem as prescripções hygienicas, tanto privadas, como publicas.

CLASSIFICAÇÃO POSITIVA

DAS

DEZOITO FUNCÇÕES INTERIORES DO CEREBRO

OU

QUADRO SYSTEMATICO DA ALMA

PELO

FUNDADOR DO POSITIVISMO

Aviso. — O conjuncto destes 18 orgãos cerebraes constitue o apparelho nervoso central, que, de um lado, estimula a vida de nutrição, e, de outro, coordena a vida de relação, ligando as suas duas especies de funcções exteriores. A sua região especulativa communica directamente com os nervos sensitivos, e a sua região activa com os nervos motores. Mas a sua região affectiva só tem connexidades nervosas com as visceras vegetativas, sem nenhuma correspondencia immediata com o mundo exterior, que sómente a ella se liga por meio das duas outras regiões. Este centro essencial de toda a existencia humana funcciona continuamente, segundo o repouso alternativo das duas metades symetricas de cada um de seus orgãos. Para com o resto do cerebro a intermittencia periodica é tão completa como a dos sentidos e dos musculos. Assim, a harmonia vital depende da principal região cerebral, sob cuja impulsão as duas outras dirigem as relações, passivas e activas, do animal com o meio.

(Amar, Pensar, Agir)

Agir por affeição e pensar para agir

PRINCIPIO

10 MOTORES AFFECTIVOS (Inclinações no estado activo e sentimentos no estado passivo)

					Nº		
7 pessoaes	INTERESSE	Instinctos de conservação	do individuo ou *instincto nutritivo*		(1)	Egoismo	Decrescimento de energia, e accrescimento de dignidade, de detraz para diante, de baixo para cima e dos bordos para o meio — **Impulsão** (Coração)
			da especie	*instincto sexual*	(2)		
				instincto maternal	(3)		
		Instinctos de aperfeiçoamento	por destruição ou *instincto militar*		(4)		
			por construcção ou *instincto industrial.*		(5)		
	AMBIÇÃO	Temporal, ou orgulho, necessidade de dominio			(6)		
		Espiritual, ou vaidade, necessidade de approvação			(7)		
3 sociaes	Especiaes	APEGO			(8)	Altruismo	
		VENERAÇÃO			(9)		
	Geral	BONDADE, ou amor universal (sympathia), *humanidade*			(10)		

MEIO

5 FUNCÇÕES INTELLECTUAES

			Nº	
CONCEPÇÃO	Passiva, ou contemplação, donde materiaes objectivos	Concreta, ou relativa aos seres, essencialmente *synthetica*	(11)	(Saber para prever afim de prover) — **Conselho** (Espirito)
		Abstracta, ou relativa aos phenomenos, essencialmente *analytica*	(12)	
	Activa, ou meditação, donde construcções subjectivas.	Inductiva ou por comparação, donde *Generalisação*	(13)	
		Deductiva ou por coordenação, donde *Systematisação*	(14)	
EXPRESSÃO	Mimica, oral, escripta, donde *Communicação*		(15)	

RESULTADO

3 FUNCÇÕES PRATICAS

		Nº	
ACTIVIDADE	Coragem	(16)	**Execução** (Caracter)
	Prudencia	(17)	
FIRMEZA, donde *Perseverança*		(18)	

Este quadro foi construido por Augusto Comte para o seu *Systema de Politica Positiva* (tomo I, pag. 726), publicado em 1851. Resume a sua theoria subjectiva do cerebro, destinada a substituir a admiravel mas insufficiente tentativa de Gall.

SEGUNDA PARTE

MORAL PESSOAL

INSTITUIÇÃO GERAL DA MORAL PESSOAL

SUMMARIO

Posição da questão. — Dos caracteres geraes da systematisação positiva da moral pessoal. — Dos caracteres geraes da applicação das regras da moral pessoal. — Do papel fundamental da mãi como directora da educação. — Da necessidade de inculcar os habitos, os preconceitos e as regras ou formulas da moral. — Medidas para que a mulher possa exercer completamente a sua funcção de mãi.

Os tres modos que affectão a existencia humana— pessoal, domestico e civico—, são considerados na moral positiva como gráos naturaes de uma mesma disciplina, na qual uma dependencia mutua os prende, de sorte que o inferior prepara o superior, que por sua vez sobre elle reage. Nesta successão, as relações individuaes achão-se coordenadas segundo a sua extensão crescente e intimidade decrescente. É desta homogeneidade que resulta o caracter sempre social da moral positiva. O homem, a principio preparado pela Familia, é depois tomado pela Patria, que o torna apto a servir a Humanidade, habituando-o á pratica das virtudes individuaes, sem as quaes

não se comprehendem as virtudes domesticas e sociaes. Esta consideração legitíma a instituição da moral pessoal, que tem por fim desenvolver o altruismo por dous processos convergentes,—um indirecto, consistindo na purificação dos instinctos egoistas, outro directo, cultivando as inclinações sympathicas.

O grande fundador do catholicismo—S. Paulo, e os sacerdotes catholicos, seus successores, englobavão sob o nome de *Carne* ou *Natureza* os instinctos egoistas, que elles consideravão incompativeis com o altruismo ou conjuncto dos instinctos sympathicos a que chamavão *Graça*, e que não sendo innatos no homem, este devia aspirar ao favor do seu deus, rompendo todas as suas ligações com os máos instinctos afim de anniquilal-os. Depois da descoberta de Gall, o medico, que não separa o moral do physico, sabe de que erros está eivada a theoria de S. Paulo, quando attenta para os laços que ligão a vida vegetativa á personalidade, destinada á conservação do individuo ou da especie, condição sem a qual seria inconcebivel a existencia collectiva. Esta exige a regularidade das funcções corporaes como necessarias á vida cerebral,da qual são a base fundamental.Sem a integridade dessas funcções não póde haver saude, e por conseguinte impossivel se torna a cada membro da sociedade preencher o cargo que lhe compete na distribuição

do trabalho, e assegurar á sua geração a unidade do corpo e a pureza d'alma. É por isto que a moral scientifica condemna as praticas de torturas e sevicias, instituidas pela ultima synthese absoluta aos seus fieis para afastar os obstaculos que os retinhão presos á grosseria da carne e eleval-os ao gozo ineffavel das delicias da *graça*; e condemna-as, não só pelas considerações expendidas, como tambem porque dessa disciplina resultava um consideravel abatimento das forças do individuo, e este não póde dispôr de uma propriedade que lhe não pertence, pois que é todo da Humanidade, de onde veio, e para a qual caminha. O positivismo impõe ao cidadão o dever de cuidar da saude, não para satisfação propria, mas para dar á intelligencia e á actividade a liberdade necessaria a bem agir.

A personalidade é, pois, necessaria e indispensavel á vida do ser, e absurda toda tentativa de destruição que contra ella levantar-se. Base necessaria da nossa actividade, ella entra como um dos elementos convergentes na realização de nossas funcções.

A pretensa inconciliabilidade que alguns pensadores querem descobrir entre a existencia dos instinctos egoistas e a do altruismo, é consequencia inevitavel desse absolutismo scientifico que os leva a vêr exclusivamente na personalidade a origem de todo mal. Augusto Comte, descobrindo e pondo fóra de contestação a ligação directa

entre o egoismo e o altruismo, dá-nos a medida do valor de semelhantes apreciações, e estabelece a dependencia correlativa das emoções sociaes e das emoções pessoaes, correlação que torna mais energicas as primeiras e as outras nobilita.

Ainsi c'est par suite de ces relations spontanées et non point par un calcul raffiné ou par des déductions compliquées, que l'enfant en vient à cherir celle qui tient sa vie entre ses mains, le pauvre à respecter le riche qui pourvoit à son existence materielle, le fetichiste à adorer la Terre et le Ciel, qui le dominent par des influences insurmontables. C'est pour celà aussi que les fonccions domestiques ou sociales, d'abord recherchées pour la satisfaction de la personalité, finissent pour constituer, pour tous ceux qui ne sont pas indignes, un milieu favorable à l'essor de la sympathie. (*)

Vêmos assim que a natureza humana, mais energica nos sentimentos egoistas, offerece em seu funccionalismo ordinario um poderoso elemento de disciplina, do qual tira proveito a moral pessoal.

É, pois, como imprescindiveis á vida, e fornecendo uma base indispensavel á expansão dos nossos sentimentos sociaes, que o positivismo consagra os instinctos pessoaes.

Estabelece-se o problema da purificação.

Já vimos que os esforços empregados pelo sacerdocio catholico para regrar a personalidade excitarão-a, em

(*) M. Pierre Laffitte—*De la morale positive*—Havre, 1881—162.

vez de a refrearem, por isso que, com o seu dogma absoluto, elle pretendia comprimir cegamente os instinctos egoistas que a compoem.

A exaltação da vaidade nos mysticos e o desnvolvimento do amor proprio na população occidental dãotestemunhos vivos da ineflicacia e do perigo de taes praticas.

O positivismo, retomando o problema, procura resolvel-o do modo mais consentaneo á indole dos conhecimentos scientificos.

Era preciso reter em certos limites a satisfação da personalidade, impedir-lhe o exercicio exagerado como causa de perturbações que affectarião, tanto as nossas forças physicas, como as nossas faculdades intellectuaes e moraes; para isto, porém, não era mister supprimir á natureza humana uma de suas partes, bastava conciliar-lhe a existencia com a expansão dos instinctos sociaes. Era necessario disciplinal-a, e não destruil-a.

É o que tenta fazer a moral positiva com a subordinação da personalidade á sociabilidade, em vista da Humanidade, e por conseguinte elevando-se contra a satisfação dos instinctos egoistas, quando elles não têm um fim commum.

Não é em face de calculada prudencia individual que o positivismo institue deveres; mas, reconhecendo a utilidade pessoal de suas prescripções, elle as liga á sociabilidade.

Habituando-se a dar aos actos, ainda os menores, um destino elevado, o homem aprende a superar as inclinações pessoaes e subordinal-as ao bem de todos. Assim procedendo, já tem conseguido muito, porque tira a estes instinctos tudo o que encerrão de vicioso, o que limita-lhes muito o dominio; não basta, porém, uma tal purificação para constituir a plena moralidade. Esta não existe sem a dedicação.

Para prevenir as más acções, o melhor meio a empregar é o exercicio habitual do bem; pois que, como diz Augusto Comte « a principal restricção de uma inclinação qualquer resulta da expansão continua de suas antagonistas. » (*)

A cultura dos bons sentimentos, esclarecida pela sciencia systematisada para evitar os desvios moraes originados em opiniões erroneas, conduz á virtude, que o moralista Duclos definio: *um esforço sobre si mesmo em favor dos outros.*

O positivismo, systematisa o culto privado, instituido e consagrado por um uso universal de muitos seculos.

Esta instituição repousa sobre a seguinte lei moral:

A expressão dos sentimentos excita-os e fortifica-os, com uma intensidade que cresce com a regularidade e a continuidade dos esforços correspondentes, de modo a tornar habituaes impulsões accidentaes.

(*) Augusto Comte—*Pol. Pos.*, vol. 4º, pag. 282.

Reflicta cada um nesta lei, e poderá notar as vantagens enormes que resultaráõ para o homem da pratica dos actos cultuaes.

Preparar o coração e o espirito, de modo a fazer do individuo um sêr moral, é o fim da educação, que, iniciada na Familia, completa-se na Patria.

A primeira destas phases, a moral espontanea, isto é, a educação dos sentimentos, é a mais decisiva, a que mais affecta o conjuncto da vida; porque, com tal fundamento, a moralidade, visto como as preoccupações materiaes não têm ainda estimulado o egoismo, difficilmente será desviada na vida exterior. É sob a superintendencia materna que a educação na vida privada se realiza pela expansão continua dos instinctos sympathicos, principalmente a veneração e a bondade, que já ahi encontrão um exercicio sufficiente. Unica providencia que a criança póde e deve conhecer directamente, a mãi dirige-lhe a educação physica e affectiva até aos sete annos, idade em que inicia a sua cultura intellectual systematica pelos estudos artisticos nas grandes obras que constituem o thesouro esthetico da Humanidade, até então apenas sentida de um modo indirecto. A principio, aperfeiçoando os sentimentos, cultivando depois a intelligencia, a mãi deve sempre, e cada vez mais, estabelecer e consolidar a preponderancia definitiva do coração

sobre o espirito. Patenteando á novel intelligencia a importancia maior dos sentimentos relativamente aos actos, ella desenvolve o sentimento do dever, fazendo consistir a verdadeira felicidade na expansão das affeições altruistas, perante as quaes os actos serão considerados meios de satisfação ou de excitamento.

A efficacia extraordinaria da influencia materna no desenvolvimento intellectual e moral do individuo, parece-nos, deixamol-a provada em poucas palavras. Entretanto, alguns reformadores pedagogicos, no ardor com que prégão o ensino obrigatorio, cuidão que a criança é demais na casa paterna, e querem afastal-a da influencia feminina para entregal-a a mãos estranhas. Não se lembrão elles que, si a educação tem por fim principal instruir e moralisar, e si a moralidade é o resultado do desenvolvimento da sympathia, aos seres mais sympathicos é que compete propriamente desenvolver nos outros as affeições destinadas a prevalecerem. O melhor preceptor, o que reunir a maxima moralidade ao maior cabedal scientifico, nunca conseguirá substituir a mãi em sua funcção principal, jámais fará um *homem*.

C'est à notre sexe sans doute qu'il appartient de former des geomètres, des tacticiens, des chimistres, etc.; mais ce qu'on appelle ***l'homme***, c'est à dire l'homme moral, est peut-être formé à dix ans, et, s'il ne l'a pas été sur les genoux de sa mère, ce sera toujours un grand malheur. (Joseph de Maistre).

Bem cabe aqui notar que, si a sociedade deve, no

interesse geral, que é o seu proprio interesse, adoptar as desventuradas crianças que a desordem moral, o criminoso desvario da familia abandona, jámais deverá esta acção protectora, revestindo a falsa apparencia philantropica de instituição publica, ir proteger assim a clandestinidade, que é o proprio crime.

Diz M. de Gerando :

> É sempre perigoso para a moral publica abalar os olhos da multidão com a presença de um genero de asylos, semelhantes ao dos hospicios de crianças, fazer suppôr que o numero dos expostos é consideravel, e familiarisar a opinião com a idéa de um crime tão contra a natureza.

De resto, diz Fonssagrives, a roda, que um economista inglez, lord Brougham, chamava « a melhor machinazinha de desmoralisação que jámais foi inventada », e que um outro escriptor, M. Renvasle, definia com igual energia « une machine á suppression d'état », tende a desapparecer rapidamente, e bem depressa não restará della senão a lembrança de uma tentativa generosa, mas imprevidente.

Mas não é só na vida privada que a influencia materna se faz sentir. A mãi é a educadora natural, a preceptora de seus filhos. A superintendencia que ella conserva na educação continúa durante toda a vida do filho, mesmo por inspiração subjectiva.

Deixemos aos revolucionarios, a esses espiritos sem coração, vozearem contra a permanencia da criança no

lar, e confiemos nossos filhos ás suas mãis, a esses entes adorados, que tanto soffrêrão por elles, e sempre a sorrir, e sempre promptos a maiores sacrificios, quando os exigem a salvação e a felicidade desses seres a que os ligão inquebrantaveis laços.

Ha uma lei animal, de que já fallámos, segundo a qual os actos repetidos regularmente tendem a reproduzir-se mesmo quando tem cessado o estimulo exterior ou interior. É a lei do *habito*, que se completa pela lei do *aperfeiçoamento*, quando a reproducção é bem regrada. Estas noções fazem suggerir logo a utilissima idéa de suscitarem-se os habitos na criança. Aproveitar as primeiras épocas da vida, em que é mais facil amoldar essa *cêra molle*, como já o disse alguem, aos actos, é um grande passo para o fim a que se propõe a educação.

Não possuindo ainda os meios de analysar os actos bons ou máos, a criança não póde escolher os mais convenientes; demais, entregando-a aos proprios impulsos, reconhecer-se-hia claramente ser o egoismo que determina as suas acções, as quaes, com o tempo repetidas, concorrerião para desenvolver a parte mais energica e grosseira da natureza humana, em virtude da reacção dos actos sobre os sentimentos. As mãis, pois, devem inspirar os habitos aos filhos, não só porque estabelecer-se-hão sem esforço, como pela salutar influencia que as bôas

praticas exercem nos sentimentos altruistas. Quando virmos um homem violar o capital de que um outro é o depositario, podemos affirmar, sem receio de cahir em erro, que em criança elle não se habituou a respeitar os botões ou as agulhas que encontrava na costureira de sua mãi. Isto prova que os actos insignificantes preparão os mais importantes.

Nas mesmas condições dos habitos estão os preconceitos.

Ha uma escola anarchica que tem a fatua pretensão de educar sem elles os individuos. Equivale isto a não reconhecer a importancia da subordinação do espirito ao coração. Abandonai a criança ás proprias inspirações, e seus actos serão o reflexo do egoismo que os dirige, e a personalidade se desenvolverá.

Diz o Sr. Laffite :

> Fort bonne observatrice d'une réalité avec laquelle elle est en contacts si intimes, la femme regard avec pitié ces partisans de l'observation, qui ne voient que la suppression des préjugés equivaudrait à laisser le champ libre à cette bête farouche que tout homme renferme en lui.

A mãi emprega toda a energia de que é capaz o seu amor para fazer prevalecerem no filho os preconceitos, que elle melhor comprehenderá depois, quando a sciencia demonstrar-lhe o valor.

Rousseau, no *Emilio*, e os seus sectarios desconhecião

a existencia dos sentimentos benevolos, e isso explica a extravagancia de suas theorias.

As formulas da moral tambem devem ser habitualmente repetidas ás crianças. Não importa que não as possão ainda comprehender; á força de muito ouvil-as, aprenderão a respeital-as, e procurarão afinal seguir-lhes as determinações.

Para que a mulher possa preencher a sua missão, por certo a mais difficil, é preciso que as suas inspirações sejão esclarecidas por acquisições scientificas, dando ao espirito o papel que lhe compete de conselheiro do coração. Augusto Comte instituio para o sexo affectivo a mesma preparação encyclopedica que exigio do sexo activo, com pequenas modificações, motivadas pelo destino differente.

Mas permanece ainda um obstaculo á plena realização da funcção da mulher. Forçada por necessidades materiaes, abandona o lar, e entrega-se aos labores de uma vida activa, contra as disposições de sua propria organização e fóra do seu dominio. Convem não desviar-lhe a attenção e os cuidados do sanctuario domestico, onde ella elabora a mais complexa das obras humanas— o cidadão. « *O homem deve nutrir a mulher* » é a regra de moral domestica que Augusto Comte apresenta para preserval-a do trabalho exterior.

TERCEIRA PARTE

Marcha geral da educação durante a primeira infancia

I

INSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTES DO NASCIMENTO

> Fertes creantur fortibus et bonis. . .
> (HORACIO).

SUMMARIO

Da regulamentação do casamento.— Dos cuidados ao feto.— Do aborto e do infanticidio

Si é objecto da hygiene, ou antes da moral, aperfeiçoar a natureza humana em vista da Humanidade, prevenindo assim os males que a negligencia na educação do homem possa porventura acarretar, a sua missão ficaria sempre inefficaz, quando não procurasse em bem dos futuros filhos a regulamentação do casamento, donde só deverão elles provir. A acção da moral neste acto é fecunda em resultados beneficos; desprezal-a é abandonar aos desvarios humanos a base da sociedade, já muito abalada pela anarchia dos seus elementos; olvidar ou negar-lhe prescripções utilissimas, tanto aos esposos, como aos filhos vindouros é limitar, é cercear-lhe um

poder que mais tarde será applicado a remover obstaculos ás vezes insuperaveis. Entretanto a anarchia augmenta, a saude parece ir-se tornando abstracção impossivel, incrementa-se a molestia e os casamentos cada vez mais afastão-se das condições salutares, em grave prejuizo dos seres que delles emanão. A hereditariedade morbida, como a physiologica, é facto assás comprovado pela observação de todos. Assim como a criança traz os signaes physicos dos pais,assim como encontra-se nella a reproducção das disposições moraes e das aptidões intellectuaes e praticas paternas, assim tambem os actos morbidos passão de pais a filhos, obedecendo á mesma lei: a criança é a reproducção dos pais. A transmissão das molestias pela hereditaridade, e muitas vezes aggravadas, deteve por muito tempo a attenção dos hygienistas, que unanimemente proclamão a necessidade de regrar a natureza dos productos humanos. E para isso propoem uma medida absurda— a interdicção do casamento aos mal conformados ou doentios, como se fôra o casamento humano instituido para a satisfação legitima dos appetites sexuaes, tendo em vista a reproducção da especie. Que é preciso regrar a procreação humana é affirmação hoje banal. Mas pretender resolver o problema com soluções taes, odiosas e tyrannicas, é illudir-se completamente sobre os effeitos de semelhantes prescripções. A interdicção da união

conjugal prevaleceu nos espiritos emquanto a *Graça* foi considerada um dom da divindade, e ainda domina a opinião dos que desconhecem a melhor parte da natureza humana, os instinctos sympathicos ou sociaes. Hoje que a existencia natural destes instinctos é um conhecimento scientifico adquirido por Gall e desenvolvido por Augusto Comte, a moral positiva vem tentar a regeneração da humanidade.

É pela sublime instituição dos casamentos castos que a moral positiva institue tambem a regulamentação da procreação humana.

Estudando nos dous sexos a natureza humana, vêmos-lhes notaveis differenças nas aptidões. Ao passo que a mulher, por uma menor intensidade de seus instinctos pessoaes e pela energia superior de suas inclinações sociaes, impõe-se-nos typo eminentemente moral, as qualidades que formão o caracter, e dão o commando, apresentão no homem maior desenvolvimento, e o fazem o typo pratico por excellencia.

Identicos contrastes notão-se no espirito ou intelligencia, que na mulher offerece mais justeza e penetração, e no homem mais força e extensão.

Sob esta idéa procurou Augusto Comte regenerar o casamento concebendo-o destinado ao aperfeiçoamento mutuo dos dous sexos, abstrahindo toda a sensualidade, necessaria simplesmente para desenvolver

no homem a ternura, em virtude de sua inferioridade moral.

Tudo concorre, pois, a provar a efficacia mutua desta união, que constitue a mais perfeita amizade embellezada por uma incomparavel posse reciproca.

Ora, sendo assim, não devemos, como fazem os hygienistas, condemnar ao triste celibato os individuos incapazes de produzir filhos sadios, mas, invocando autoridade superior a toda individualidade, aconselhal-os a que se abstenhão da procreação, reservando esta funcção aos casaes bem conformados.

Adoptando esta medida, acreditamos que o numero dos nascimentos de crianças mais inclinadas á morte do que á vida, diminuirá consideravelmente.

Em vista do futuro das crianças, devemos ainda accrescentar que é de grande necessidade regrar a idade dos conjuges.

Não basta preparar a geração futura pelas condições que devem cercar a procreação da especie. Quando esta funcção fôr exclusivamente preenchida por individuos que só possão legar á sociedade organismos tendo o conjuncto de aptidões normaes á vida, o hygienista, é certo, terá o seu papel muito limitado, e confiança no exito de suas prescripções, porque então

encontrará amanhado o terreno de suas applicações. Mas, para alcançar resultados, ainda é preciso, instituindo geralmente a educação durante a primeira infancia, indicar os cuidados especiaes que devem preoccupar a mulher durante a gravidez.

Conhecem-se as relações que prendem o feto á mãi, e ninguem ignora que as minimas perturbações que attingem o organismo materno repercutem sobre o do filho, provocando-lhe movimentos muitas vezes apreciaveis. Juntem-se a isto as grandes modificações que experimenta a mulher pelo facto da prenhez, e logo vê-se como é melindroso o seu estado e o risco que corre o embryão ao menor abalo physico ou moral. Emfim « no utero a criança identifica-se de tal modo com a vida de sua mãi, já dizia Hippocrates, « que a saude de uma faz a saude do outro. »

É por isso que a moral vai buscal-o ainda em germen no seio materno, para em seus braços poderosos eleval-o, por uma serie de transformações physicas, intellectuaes e moraes, ás condições da verdadeira felicidade.

Desenvolvendo-se no organismo materno, onde haure todos os materiaes de nutrição, recebendo delle todos os elementos de vida, o feto, para executar completa evolução, tem necessidade de assistencia continua, de reiterados cuidados. Muitas vezes mesmo estas precauções trazem verdadeiros sacrificios ao ente que o contém. Mas

que mãi digna deste nome não os supporta com a alma plena de alegria; que mulher os sente quando vê nelles as condições de levar a termo a nobre missão de que incumbio-se? No entanto, a despeito da bôa vontade, essas precauções são ordinariamente abandonadas, e não raro desses descuidos resulta o aborto. Atacando a ignorancia com todo o seu cortejo de consequencias fataes, preencheremos uma parte da nossa tarefa. Convém, pois, que a mulher gravida tenha uma clara noção do regimen a seguir, saiba como sua alimentação deve ser regrada, conheça a natureza das suas vestes mais apropriadas ao desenvolvimento do feto, instrua-se sobre as regras que lhe devem dirigir os exercicios, etc.

Trataremos successivamente de todos estes artigos:

Alimentação.—Não deve a alimentação variar da que fôra habitual no estado de vacuidade uterina; porém, quando as funcções digestivas são mais ou menos perturbadas, e manifestão-se nauseas e vomitos, quando, por excepção na prenhez, a mulher torna-se plethorica, e póde este estado comprometter a vida do embryão, o regimen nutritivo deve ser modificado então convenientemente.

No primeiro caso, muitas vezes, a mulher repudia completamente as carnes, e prefere as substancias vegetaes e outras que a sua imaginação fertilissima inventa como alimento; neste caso somos de opinião que se lhe

permitta ingerir o que lhe appetecer, emquanto o appetite não referir-se a substancias não alimenticias, ou que, o sendo, possão todavia produzir-lhe uma indigestão, accidente que deve com cuidado ser evitado. Mulheres ha nas quaes o appetite é exageradamente excitado, e outras em que a anorexia é frequente,de modo que de antemão é impossivel determinar a quantidade de alimentos que lhes é conveniente.

De modo geral, porém, póde-se dizer que a alimentação deve ser mais copiosa, porque a mulher que encerra em seu organismo um outro ente vivendo a expensas de seu sangue, o vehiculo nutritivo, necessita alimentar-se em quantidade sufficiente para a reparação propria e para o desenvolvimento do feto, tanto mais que a anemia e a fraqueza são ordinariamente o sequito da gravidez. Todavia, devem-se desprezar os alimentos fortemente excitantes, cujo effeito é a acceleração circulatoria, tão nociva á criança. Entre esses excitantes estão os alcoolicos, que só em casos excepcionaes serão usados. Bouchut (*), Fonssagrives (**), e outros, recommendão as bebidas alcoolicas especialmente nos vomitos que acompanhão a prenhez, onde, em certos casos, têm ellas dado excellentes resultados.

(*) Bouchut.—*Hygiène de la première enfance.*—Pariz, 1879.

(**) Fonssagrives.—*Entretiens familièrs sur l'hygiène.*—Pariz, 1870.

Emfim, deve a mulher regular a quantidade de alimentos a ingerir, pela possibilidade ou não de entregar-se ao exercicio.

É claro que, naquellas em que o œdema e as varices das pernas muito desenvolvidos condemnão ao repouso, a alimenção copiosa poderia produzir uma exhuberancia sanguinea; e, pois, devem ellas procurar manter o equilibrio entre a receita e a despeza organica por uma alimentação moderada. Na gravidez, a mulher seguirá á justa o preceito de Hippocrates: *não comer muito, nem exercitar-se muito pouco*.

Quanto aos casos de plethora, sabe-se que antes de empregar-se qualquer meio debellador, a diminuição dos alimentos será o primeiro, e muitas vezes só este bastará.

Ar.—Sem ar puro não ha saude. As mulheres gravidas devem respirar um ar normal e viver em habitações convenientemente ventiladas. A atmosphera confinada que se respira nos logares de reunião, nos bailes, theatros, etc., póde determinar, e não poucas vezes, contracções uterinas e o aborto. O acido carbonico ahi em profusão, sendo inspirado pela mulher, produz-lhe sobre as fibras uterinas uma acção excitante, como a observação diaria e Brown-Sequard o têm demonstrado. Por isso devem as mãis impôr-se o leve sacrificio de

abandonar completamente taes divertimentos, principalmente nos primeiros mezes da gravidez. Para ellas seria mais conveniente a habitação no campo, pela pureza do ar e pela serenidade de espirito que goza a vida campestre. O seguinte trecho do Dr. Munaret, citado por Bouchut, exprime perfeitamente isso :

Les plus beaux enfants naissent au sein des campagnes par la même raison que les arbres en plein vent produisent des fruits moins hâtifs, mais plus gros, plus colorés que ceux qui languissent sous les vitres d'une sèrre énervante.

Vestes.— A gravidez repelle as exigencias da moda. Esta, muitas vezes, exagerada, póde ter funestas consequencias.

Cumpre que os vestidos da mulher gravida sejão preparados de modo a não exercerem constricção sobre o ventre ou o peito, primando em deixar ao corpo plena liberdade de acção. Segundo Fonssagrives, dizião os Romanos convir que a mulher gravida seja *incincta*, sem cintura. O *collete* tão usado hoje, e às vezes de modo imprudente, é na prenhez uma das causas mais communs da parada do desenvolvimento fetal, das monstruosidades e do aborto.

O collete embaraça os movimentos respiratorios, restringe o espaço já pequeno disponivel a outros orgãos,

e determina o deslocamento do utero, oppondo-se á ascensão do orgão gestador.

É preciso recommendar, portanto, o completo abandono do *collete* neste periodo.

Banhos.— Os banhos de asseio serão sempre permittidos, comtanto que nelles observe-se preceito, cuja infracção póde trazer perigos nessa phase da gravidez, em que o aborto é facilmente provocado por qualquer desregramento, por qualquer accidente, mesmo insignificante.

Os banhos devem ser levemente tepidos e pouco prolongados. Do quinto mez em diante e para o fim da prenhez não ha perigo a este respeito.

Exercicio.— Não se podem estabelecer regras fixas para o exercicio da mulher gravida. Varião ellas com o periodo da gestação e com as circumstancias que a acompanhão. De uma maneira geral diremos já que o exercicio moderado convem a todas as épocas da prenhez; seus effeitos beneficos são numerosos e evidentes: excita o appetite, regularisa a circulação e o estimulo nervoso, evita a constipação de ventre, muito commum nesta época, e ás vezes prejudicial á saude materna e fetal. Casos ha em que o exercicio será proscripto, e são aquelles em que accidentes anteriores indicão a necessidade de condemnar a mulher a permanecer no leito por largo

tempo; a hemorrhagia e os demais signaes precursores do aborto mostrão esta disposição.

Tratando-se de uma plethorica, prescrever-lhe o repouso fôra incrementar perigos, ao passo que o bem regrado exercicio afastará os accidentes que a exaltação deste estado provocaria.

Mais adianta-se a gestação, mais necessario e util se torna o exercicio. Todos os parteiros o aconselhão como um meio de dar ás articulações da bacia flaccidez indispensavel ao exito do parto.

A falta de accidentes que nota-se nas puerperas camponezas explica-se-lhes em parte pela vida activa: ahi entregão-se ellas aos labores costumarios até que a primeira dôr lhes annuncie o dever de recolherem-se.

Assim como assignalamos os bons effeitos do exercicio moderado, devemos repellir como muito prejudiciaes os movimentos violentos: a carreira, a dansa, os esforços musculares, a equitação, emfim, todo o movimento brusco provocador do aborto.

Relações sexuaes.—A unanimidade das opiniões com que se têm pronunciado os autores nesta questão, desde muito devêra despertar a attenção dos maridos sobre os inconvenientes a que expoem a mulher e o filho que ellas abrigão no ventre, entregando-se a contactos sexuaes. Mas os mesmos que vêm nesta excitação um perigo para

o desenvolvimento do feto, por uma contradicção, talvez interessada, limitão-se a aconselhar apenas moderação nas relações sexuaes, quando, conhecido o perigo, lhes corrêra o dever de recommendar completa abstinencia.

A este respeito têm os occidentaes muito que invejar a alguns povos da Africa, onde:

> L'époux est d'ailleurs plein d'attentions pour la mère ; il s'abstient de tout raprochement avec elle. . . . . (*)

É preciso que o homem aprenda a vêr na mulher, não o instrumento de satisfação de um instincto egoista e grosseiro,mas a mãi, a esposa, a filha, a irmã, sublime conjuncto de todas as perfeições resumidas em um ente verdadeiramente providencial.

A mulher gravida é o sanctuario que abriga o germen do futuro cidadão.

Todo o contacto impuro lhe será profanação.

Desde o começo da concepção, o organismo feminino soffre perturbações profundas. As modificações funccionaes que este estado acarreta, a suspensão cathamenial, os vomitos e a susceptibilidade nervosa, indicão que é notavel a modificação por que passão as funcções cerebraes.

As relações directas a unirem o instincto materno ao apparelho dos germens, as reacções que effectuão-se

---

(*) Docteur A. Corre. — *La mère et l'enfant dans les races humaines*.—1882.

entre elles, tudo nos induz a acreditar que a desordem cerebral origina-se na exaltação deste instincto, em superactividade mesmo durante o aleitamento.

A essa e não á outra causa devem ser attribuidos certos casos de aborto provocado e de infanticidio.

Une jeune fille trompée dans ses esperances, deshonorée, peut perdre la tête au moment de l'accouchement et detruire son enfant. C'est sa vanité blessée qui l'a poussée à cette résoluction extrême. Mais on peut admettre que cette vanité blessée ait pu provoquer un accés de manie pendant lequel l'infanticide a été commis. La malheureuse mère, coupable d'une première faute, est ici irresponsable de ses actes. (*)

O facto é o mesmo em algnns casos de aborto provocado.

Poderiamos ainda, seguindo o Dr. Audiffrent, explicar esses phenomenos de outro modo, appellando para as reacções que, em virtude de sua natureza egoista, o motor materno produz sobre os outros instinctos. Mas para nosso fim é isto sufficiente.

A attenção das mãis deve ser attrahida para este ponto capital : o perigo a que expoem o filho quando nellas exalta-se o instincto materno. O meio de evitar desastres horrorosos é subordinar o motor materno aos impulsos dos moveis sociaes.

(*) Dr. Audiffrent.—*Maladies du cerveau et de l'innervation.*—1874.

II

MARCHA DA EDUCAÇÃO ORGANICA E ANIMAL DURANTE A PRIMEIRA INFANCIA

SUMMARIO

Posição da questão.—Cuidados ao recem-nascido.—Da nutrição e dos cuidados physiologicos geraes.—Da educação muscular e da educação dos sentidos (jogos).—Regra geral de tratamento das molestias infantis.

As impressões continuas que o meio produz no organismo do homem provocão a reacção deste, que procura afastar as que são nocivas ao seu livre funccionamento, e adaptar, modificando-as e modificando-se, as que são susceptiveis de melhoramentos ao seu bem-estar e ao de seus semelhantes. Mas para isso duas condições devem ser satisfeitas:

1.ª Que a integridade e desenvolvimento do organismo sejão garantidos pelos meios que o conservão, isto é, que as funcções da vida organica realizem-se com a maxima perfeição; assim se prevenirá a reacção funesta do corpo desarranjado sobre o cerebro ;

2.ª Que os orgãos ao serviço da vida de relação tenhão energia sufficiente para reagir contra as impressões exteriores e para favorecer a vida organica.

A primeira será preenchida pela regularidade da nutrição e das mais funcções physiologicas, concernentes á vida vegetativa; a segunda pelos jogos que, segundo a lei do habito, desenvolvem e aperfeiçoão os orgãos e suas funcções, e, demais, exercitão a actividade que prepara o homem para a vida pratica.

Comprehende-se sem esforço que semelhante exercicio deve ser começado quando os orgãos do individuo têm mais vitalidade, quando estão no periodo do desenvolvimento. Na criança a delicadeza dos orgãos e sua flaccidez prestão-se facilmente a modificações que mais tarde serão impossiveis. Convem aproveitar o tempo em que ella tem mais aptidão a dobrar-se, a sujeitar-se.

Começando na prenhez a educação physica da criança, vamos continual-a com o nascimento e acompanhal-a-hemos até aos sete annos, termo da primeira infancia.

Nos cuidados a prestar á criança immediatamente depois do parto, dous casos podem se dar: ou o recem-nascido é forte e sadio, ou nasce fraco e doente.

Tomemos o primeiro caso.

Logo que a criança cahe no mundo exterior, pratica-se o desprendimento do cordão, si este vem enrolado ao pescoço, e deita-se-a com o semblante voltado para o

lado opposto da vulva, afim de que não corra o risco de ser suffocada pelos liquidos vaginaes escoantes. Dous procedimentos apresentão-se então ao parteiro: esperar o delivramento espontaneo para cortar o cordão; ou, segundo a pratica mais corrente, fazer a secção immediata a tres ou quatro dedos de distancia do abdomen. Feito isto, reduzir, si porventura existe, alguma alça intestinal e applicar uma ligadura, de modo que nella não fique comprehendida a pelle. Procede-se á lavagem do corpo por meio d'agua na temperatura conveniente, tendo previamente o cuidado de untal-o com oleo ou uma gemma de ovo, afim de livral-o das impurezas que o cobrem. Bem enxuta a superficie do corpo, envolve-se o cordão com uma compressa, applica-se sobre ella uma outra, e uma banda, que faça uma volta em torno do corpo, mantém o apparelho. Na cabeça uma touca de meia, envolvendo as nadegas o coeiro de flanella, um pouco de linho de fórma triangular para receber as materias excretadas, e por cima de tudo uma camizinha, constituem o vestuario do recemnascido. Antes, porém, de vestil-o, cumpre investigar si existe algum vicio de conformação.

Passemos ao segundo caso figurado.

O recemnascido não respira; é a morte apparente. Diversas são as causas que a produzem, porém confundem-se de tal modo os seus effeitos, que é impossivel tirar

dahi indicação para um meio conveniente de tratamento. Este será, pois, o mesmo para todos os casos.

Alguns phenomemos exteriores, porém, podem guiar o pratico.

Si a face do recemnascido apresenta-se congestionada, deve se fazer correr pelo cordão uma pequena quantidade de sangue. Isto não basta algumas vezes. É preciso executar flagellações sobre as espaduas, a planta dos pés, a palma das mãos e as nadegas. Desembaração-se as fossas nazaes e a garganta das mucosidades existentes, e exercem-se com a barba de uma penna titillações nestas cavidades. Sucções executadas com a boca nos seios, um banho quente e aspersões d'agua fria no corpo, são meios a tentar. Dão bons resultados tambem as duchas de agua fria ou de alcool sobre o thorax, movimentos alternativos de abaixamento e de elevação nelle impressos, as fricções com flanella ou escova.

Quando estas praticas têm sido tentadas em vão, recorre-se á insuflação de ar boca á boca, ou pela canula de Chaussier, e finalmente à electricidade.

Quando o recemnascido apresentar-se descorado e exangue, serão applicadas as mesmas praticas, à excepção da sangria do cordão. Aquecel-o e aleital-o são os cuidados essenciaes depois de restabelecida a respiração.

Este procedimento convem do mesmo modo nos

casos em que a criança nasce em estado de abatimento e fraqueza.

Com a concepção, a sympathia utero-mamaria determina para o lado das mamas um augmento de vitalidade, uma congestão sanguinea, um movimento gerador, indicio de um trabalho novo, que termina pela secreção do leite.

É a advertencia que o organismo faz á mãi de que deve alimentar o filho, como até ao nascimento o havia nutrido ella com o seu sangue, e ao mesmo tempo o meio de cumprir essa parte da incumbencia materna.

O leite é o alimento natural da criança nos seus primeiros mezes de vida, e destinado a continuar no exterior a geração começada no organismo materno.

Je regarde comme la première loi de la nature, comme la première condition du développement complet de l'homme, que sa première nourriture lui soit donnée immédiatement par un être vivant.

L'enfant qui a fait longtemps partie de sa mère, doit l'être encore pendant quelque temps après sa naissance.

São palavras de um verdadeiro typo de medico, Hufeland, o Nestor dos medicos allemães, como o chamavão os seus contemporaneos.

Entre os antigos, nas raças fetichistas, o aleitamento materno foi sempre considerado um dever; mesmo os mamiferos inferiores não recusão a mama ao filho. Só

a algumas mulheres excepcionaes estava reservado o abandono voluntario dessa obrigação, desse *incommodo*, que as priva dos prazeres exteriores ao lar.

É o resultado da dissolução dos costumes e da anarchia moral que nos devasta.

Mas felizmente para a humanidade, o numero dessas infelizes excepções é muito limitado; e, si ainda existem, é porque nunca experimentárão as emoções que excita a dedicação, esse sentimento que levava Clothilde de Vaux a dizer:

Quels plaisirs peuvent l'emporter sur ceux du dévouement?

Um dos deveres da mãi é aleitar o filho, e a realização do dever é condição de felicidade.

O aleitamento materno assegura as harmonias funccionaes estabelecidas entre a saude do filho e a de sua mãi, que não fugirá ao imperio dessa obrigação, todas as vezes que dahi venhão vantagens para o filho, e não derivem inconvenientes para ella.

Mas não é só o physico da criança que lucra com o leite materno.

As qualidades intellectuaes e moraes que pela lei fatal da hereditariedade fôrão-lhe transmittidas em germen, elaboradas por assim dizer com o sangue, emquanto era este o seu alimento e a sua vida, affirmão-se pela passagem do leite materno ao organismo infantil.

Sylvius, citado por Donné, diz o seguinte:

> J'ai observé depuis longtemps que les enfants succent avec le lait le tempèrement aussi bien que les inclinations qu'on remarque en eux, pendant le cours de leur vie, e qu'ils tenaient sous ces deux rapports beaucoup de leurs nourrices.

E como ha ainda quem queira destruir o que já faz parte da organização da criança, entregando-a a uma mercenaria, que sob apparente santidade occulta muitas vezes alma depravada, e esconde em falsa robustez physica molestias contagiosas que podem passar despercebidas ao medico mais experimentado?!

Feliz o filho que tem sua mãi por credora immediata de todos os seus beneficios, e della recebe o sangue, o leite e os cuidados.

Feliz a mãi que póde communicar ao filho as condições de saude florescente, as aptidões intellectuaes e moraes.

Verificando a influencia incontestavel desta circumstancia, não devemos esquecer que as funcções são inherentes á organização, e que esta influencia só póde *modificar* e não *gerar*, como dizia Gall.

Ao lado das almas degradadas, que se recusão ao cumprimento do dever, negando o leite ao filho, ha mulheres (e formão o maior numero), que, a despeito de circumstancias desfavoraveis, querem a todo transe

amamentar esses pequenos entes em que toda a vida dellas se concentra.

É a excitação exagerada do instincto materno a occultar-lhes a inconveniencia que do aleitamento nessas condições resultaria para o filho e para si.

Já que infelizmente existem, vejamos quaes são os casos em que o medico deve interdizer-lhes o aleitamento.

Muitos autores os exagerão e multiplicão extraordinariamente ; mas nós os restringiremos o mais que fôr possivel, acompanhando nisto a Hufeland, Donné, Fonssagrives e outros.

Ha mulheres de constituição robusta e saude invejavel, cuja secreção lactea faz-se em diminuta quantidade. Este facto, que pareceria indicar abstenção de aleitamento, não se póde erigir em motivo sufficiente de tal proceder. Não é raro no fim de algum tempo correr o leite em abundancia das mamas e bastar á alimentação da criança. Manda a prudencia que, em casos semelhantes, as mãis não desanimem, e experimentem amamentar o filho. A excitação, por elle produzida diariamente nas mamas, poderá despertar a actividade secretora do orgão, e a funcção, que apenas apontava, realizar-se-ha com toda a regularidade.

Quantas vezes não se terá procedido precipitadamente em iguaes circumstancias ?

Diz perfeitamente Donné:

Si on ne devait accorder la faculté de nourrir qu'aux mères douées d'une force et d'une santé aussi robustes que celles que l'on cherche dans les nourrices étrangères, il faudrait á peu près renoncer à voir les femmes du monde allaiter jamais leurs enfants, car il est très rare de rencontrer ces conditions dans les femmes habitant les grandes villes, et surtout parmi celles de quelques classes de la societé ; mais il y a tant de compensations à leur inferiorité sous ce rapport, que il est bon de mettre une certaine mesure dans les exigences et de ne pousser la sévérité à l'excès.

Em verdade, é frequente encontrarem-se mulheres de constituição fraca nas quaes a abundancia do leite e a sua bôa qualidade tem levado ao fim o aleitamento de seus filhos, que adquirem toda a força e robustez exigiveis nesta idade. Muitas vezes mulheres nas condições acima citadas modificão profundamente com a amamentação o estado de suas forças. Segay (*) cita grande numero de observações em apoio desta opinião, que é a sua tambem, e diz que em sua clinica observára factos de aleitamento, imprimindo um movímento salutar aos organismos doentes.

Pelo que acabamos de dizer, vê-se quanto é exagerado o procedimento de alguns medicos que prohibem a certas mulheres o exercicio de uma funcção de onde depende-lhes a saude e a felicidade dos filhos.

(*) Segay.—*Des moyens de généraliser l'allaitement maternel.*—Pariz 1878.

Para os casos em que o leite materno é insufficiente, poder-se-ha empregar com muita vantagem o aleitamento mixto.

Trata-se de uma mulher affectada de molestias contagiosas ou de perturbações pathologicas, que se aggravarião com a amamentação ?

Aqui é dever da mãi resignar-se a deixar o aleitamento materno e empregar um outro de seus modos. Hufeland (*) só admitte este procedimento em dous casos : *affecções espamodicas e fraqueza do peito.*

Propõe ao mesmo tempo que as mulheres de constituição debil aleitem os filhos ao menos durante os dous ou tres primeiros mezes, época mais perigosa da existencia.

Segundo Brochard, quasi todas as mulheres, excepto as que soffrem de affecções constitucionaes, podem, sem fadiga, aleitar durante esse lapso de tempo, si seguem um regimen conveniente, e si querem dar de mamar a horas e em intervallos perfeitamente regulados.

Mas supponhamos que, além disso, ainda possa dar-se uma contrariedade para a mãi. Corre-lhe abundante, em jorro, o leite, porém é fraco, tem qualidades nutritivas minguadas, em virtude das quaes não póde preencher o

---

(*) Hufeland.— *Conseils aux mères sur l'éducation physique des enfants.*—Pariz.

fim a que é destinado. A criança mama e não satisfaz-se, dá continuamente signaes de que o leite ingerido foi insufficiente á sua nutrição, emmagrece, definha, vai caminho da morte; é preciso prevenil-a.

O que fazer? É a pergunta que a mãi dirige a si mesma. Entregar a outra o aleitamento de seu filho?

O aleitamento mixto é o que se apresenta immediatamente; é o recurso que têm as mãis quando, comprehendendo o valor do compromisso tomado perante a sociedade, querem cumpril-o em toda a sua extensão.

A mãi deve, pois, quando póde, nutrir seu filho. E, si motivos imperiosos a desvião desta funcção, onde, como sempre, congraçados ella vê o dever e a felicidade, resta-lhe, ao servir-se de um outro modo de aleitamento, redobrar de vigilancia e multiplicar os afagos para com o pequeno ser que o amor gerou em seu fecundo seio.

Supponhamos o caso mais feliz. A mulher póde criar o filho. Que regras deve ella seguir na amamentação?

Era uso entre os antigos dar a mamar ás crianças sómente depois do terceiro ou quarto dia, isto é, passada a febre de leite. Em rigor poder-se-hia offerecer-lhes a mama immediatamente depois do parto; mas as dôres produzidas por esse acto e os esforços empregados pela mulher deixão-a profundamente abatida, de modo que é

conveniente permittir-lhes reparar as forças por um somno de cinco ou seis horas.

Caseaux (*) aconselha que durante este tempo se dêm ao recemnascido algumas colhéres de agua morna assucarada, que, além de suas propriedades fracamente nutritivas, desembaraça a boca e a garganta das mucosidades que muitas vezes as obstroem. Repousada, a mulher lhe apresentará a mama, donde então sahirá um liquido amarellado, pouco abundante, *o colostrum* (**), que, lubrificando as paredes intestinaes e solicitando-lhes contracções, facilita-lhes a expulsão do *meconium.* A sucção exercida pelo recemnascido augmenta a lactação, previne o entumescimento exagerado dos seios e as dôres que este acarreta, e torna muito fraca a febre de leite. Ha, pois, bôas razões para fazer aleitar o recemnascido logo ao despertar do somno materno.

Nos primeiros dias que seguem ao parto, é preciso dar-lhe repetidas vezes o seio. Convem entretanto começar a habitual-o á regularidade nas refeições, o que se consegue offerecendo-lhe desde logo o seio de duas em duas horas mais ou menos.

(*) Cazeaux.—*Traité théorique et pratique de l'art des accouchements.*—Pariz 1879.

(**) Quando, apezar do colostrum, a evacuação do meconium não se faz, empregão-se geralmente outros meios, dos quaes os mais usados são : o oleo de amendoas misturado com um pouco de oleo de ricino, e principalmente o xarope de chicorea composto.

Ordinariamente as mãis traduzem cada grito da criança por um appello ao leite, e pressurosas correm a satisfazer-lhe a supposta necessidade. É preciso que ellas saibão que nem sempre estes gritos exprimem fome, mas apenas uma necessidade, como outra qualquer, de agitar-se.

A irregularidade no aleitamento produz pequenas indigestões, que devem ser evitadas. As crianças ingerem uma porção de leite, quando ainda a outra não está digerida.

Á medida que a idade adianta-se, o aleitamento deve tornar-se menos frequente. Para o fim do primeiro mez, o mamar será dado todas as tres horas, e se afastarão cada vez mais os intervallos que separão duas secções de amamentação. Esta regra deve principalmente ser observada á noite, durante a qual será conveniente amamentar sómente tres vezes no principio e diminuir até uma com os progressos da idade.

Aconselhão alguns autores que, para não perturbar o somno ás mãis, aleitando o filho á noite, seja este entregue aos cuidados de outra mulher, que o aleitará servindo-se de uma mamadeira. É na verdade muito precioso o somno ás mãis, que têm necessidade de reparar as forças no repouso que este acto lhes dá, mas não podemos concordar com esse parecer, não só porque o infante deve estar sempre sob a vigilancia materna, como tambem

porque achamos sufficientes as horas de sommo que ella tem, sendo, como dissemos, regrada a amamentação.

Não se pense que as crianças soffrem com o regimen acima estabelecido. É uma questão de habito; e, si a elle forem submettidas desde o começo da vida, facilmente o adquirirâõ, sem que isso lhes traga inconvenientes.

Segundo a opinião de alguns medicos, é prudente, mesmo quando a mulher tem bastante leite, dal-o ao filho uma ou outra vez, em mamadeira. Assim não estranhará elle este instrumento, quando, em virtude de qualquer accidente, fôr interrompido o aleitamento materno.

Quanto á maneira pela qual o seio deve ser apresentado á criança, assumpto que tem occupado alguns autores, entendemos que é cousa instinctiva na qual as mãis darão lições ao melhor dos medicos.

A mulher que cria deve regrar a sua vida em vista da criança, pois que a saude desta depende em grande parte daquella.

É preciso que tenha uma vida tranquilla, bôas digestões, um somno longo e reparador, condições naturaes de um bom leite.

Em que idade podem-se addicionar outros alimentos ao aleitamento ?

É uma questão diversamente resolvida pelos autores. Não é possivel adoptar uma regra de conducta. Acreditamos que isto está subordinado á qualidade do leite e á

saude da mulher e da criança. Si a mãi sentir-se fatigada, apezar da robustez do filho, convem ajuntar alguns alimentos á nutrição deste. O procedimento é o mesmo para os casos em que o leite perde as qualidades nutritivas.

Muitos autores querem que, a despeito da bôa saude da mulher e da criança, se comece a juntar outros alimentos ao leite ao sexto mez, com o fim de preparar o tubo digestivo ás modificações de regimen, introduzidas pelo desmamar. Parece-nos melhor esperar pelo oitavo ou nono mez, porque nesta época, como diz Fonssagrives, a dentição está começada e não se complica, por uma mudança de regimen, o trabalho da evolução que faz-se do lado do apparelho digestivo, e que concorda harmonicamente com o trabalho dentario. Este, e não uma data arbitraria, deve servir-nos de guia e criterio para julgar da conveniencia do regimen mixto. Vejamos quaes são os alimentos mais convenientes.

Trata-se de passar da alimentação exclusivamente liquida á solida. Porém comprehende-se que o tubo digestivo da criança ainda não está preparado para receber alimentos solidos, que serião causas de perturbações digestivas. Surge então a necessidade de um regimen transitorio, que, não sendo inteiramente constituido por qualquer destes extremos, se approxime de ambos. Só a fórma pastosa das substancias alimenticias preenche este fim; são as papas e as sopas, de miolo de pão, de

araruta, de sagú, da farinha de Nestlé, servindo-lhes de vehiculo o leite. Mas convem dar o novo alimento uma só vez por dia ao principio; depois augmentar-se-ha o numero de vezes, à proporção que approximar-se o desmamar.

Tratemos agora de algumas complicações que, sobrevindo no curso do aleitamento, podem determinar a necessidade de suspendel-o.

A menstruação, que habitualmente desapparece durante o aleitamento, restabelece-se ás vezes, o que quasi sempre é desvantajoso pelo enfraquecimento que d'ahi provém para a lactação. E não só isso; o estado de erethismo nervoso commum nesta época ás mulheres influe sobre a saude da criança em virtude da solidariedade que existe entre ambos. Os factos provão que as crianças neste periodo empallidecem, gritão, mostrão-se inquietas e padecem perturbações digestivas.

É claro que em taes condições o aleitamento seria um perigo, que, por consequencia, indica a sua suspensão.

A moralidade dos homens é infelizmente um pouco rara. A prenhez sobrevem ás vezes durante a amamentação. Póde a criança nos primeiros mezes nada soffrer; porém a observação demonstra que o leite diminue sob a influencia da gestação, e isto explica-se facilmente pela distribuição que então se dá das forças da mãi.

Soffre a criança, porque o seio offerece-lhe menos leite; padece o feto, porque a placenta fornece-lhe sangue mais pobre.

É, pois, imprudente continuar a amamentação, visto como, não só prejudicaria ao feto e á criança, mas tambem esgotaria a mulher que tem de prover as necessidades nutritivas de dous organismos.

Além das condições physiologicas, perturbações morbidas podem provocar a suspensão da amamentação. Ellas são locaes ou geraes. Entre as primeiras, as mais communs são: as fendas do mamelão e os abcessos do seio.

Consequencias da irritação que produz no mamelão a sucção exercida pela criança, de molestia de sua boca, como a stomatite aphtosa, ou de outra qualquer causa, as fendas do mamelão, principalmente nas mulheres nervosas, determinão dôres atrozes, si ellas continuão a amamentar; declina-se-lhes rapidamente a nutrição, tornão-se febricitantes, o leite altera-se, e em breve perdem a aptidão a nutrir. Si as fendas do seio apparecem de um só lado, o remedio é amamentar com o outro seio; si, porém, este é affectado tambem, a mulher deve abandonar o aleitamento. Alguns medicamentos têm sido propostos para a cura das fendas mamelonares, e ás vezes têm dado bom resultado : são as loções adstringentes, a tintura de benjoin, a cauterização com o nitrato de prata, etc.,

juntando-se-lhes ainda os *bicos de seio* (*), para evitar o contacto directo dos labios da criança e do mamelão doente.

Os abcessos, assestados em ambas as mamas e proximos á areola, podem determinar a interrupção do aleitamento.

As molestias geraes servem-lhe tambem de embaraço. Algumas são contagiosas, como o sarampão, a variola, a escarlatina; outras não o são, porém modificão profundamente a qualidade do leite, quando durão longo tempo.

Devemos tratar aqui da presença na secreção lactea de certas substancias ingeridas pela mulher que aleita.

A ninguem é licito contestar factos que estão perfeitamente provados. O alho passa no leite e communica-lhe o seu cheiro acre, especial. O arsenico, o mercurio, a essencia de copahiba, o opio, a essencia de therebentina e outros, têm sido encontrados no leite. O oleo de ricino, o sene e o rhuibarbo, tomados pela mãi, purgão o filho.

Destas investigações podemos tirar uma conclusão pratica : — que a criança póde ser influenciada pelo opio, pelos purgativos e as essencias; que, por conseguinte, os effeitos somnifero, evacuante, estimulante e ante-spasmodico, podem ser assim provocados indirectamente nella, si fôr necessario ; e que, quando se administra a uma ama medicamentos destes grupos, é preciso fazer entrar em linha de conta a sua repercussão possivel na saude da criança. (**)

(*) Instrumento de madeira e cautchouc, com a fórma do mamelão.

(**) Fonssagrives, *Leçons d'Hygiène infantile.*—Pariz 1882.

Além das substancias acima citadas, ha muitas outras no mesmo caso, e algumas constituindo verdadeiros venenos, como o alcool e o chumbo.

A eclampsia nas crianças que mamão tem como causa, muitas vezes, libações alcoolicas das amas.

Supponhamos agora que, por qualquer das condições acima apontadas, a mãi não póde nutrir.—O que fazer ? Já dissemos que o unico alimento que convem, pelo menos nos primeiros mezes, é o leite. Devemos pois procural-o em outra fonte. Os autores apresentão para substituir o aleitamento materno, o *aleitamento mercenario*, o *aleitamento artificial*, e o *aleitamento por um animal.*

Reina o maior accordo entre todos os autores quando tratão de aconselhar o aleitamento mais conveniente. Não ha um só que não attribua ao leite materno qualidades que nenhum outro tem. Todos o proclamão o mais util e o melhor.

Entretanto, os mesmos que assim pensão recommendão que se procure uma outra mulher para preencher a falta de leite materno. Não resta duvida que o leite de uma mulher é o melhor substituto do leite de outra. Mas, quando se nos depara uma mãi que, em virtude de certas circumstancias, não póde aleitar o filho, devemos lembrar-lhe o entregal-o a outra, devemos aconselhal-a a que, aproveitando-se da pobreza desta, excite-a a roubar um

leite que pertence ao ente que se lhe gerou no seio, condemnando-o quasi sempre á morte certa?

Parece-nos que ha contradicção nos conselhos dos hygienistas.

De facto, recommendar ao rico que é dever aleitar o filho, excitar o pobre a que abandone o seu... é contradictorio e cruel.

É o forte a esmagar o fraco, quando devêra protegel-o. As prescripções da hygiene, isto é, da moral, não se modificão segundo as classes da sociedade, senão augmentando os deveres daquelles que estão mais altamente collocados.

Não somos, pois, partidarios do aleitamento mercenario. Ao contrario, o repellimos como um meio anarchico e prejudicial. E tanto mais, quanto vemos no aleitamento artificial bem cuidado um expediente feliz a tomar nos casos em que os hygienistas aconselhão o aleitamento mercenario. Vejamos si é poderoso o argumento que apresentão em justificação do seu proceder.

Fundão-se elles na grande mortalidade das crianças aleitadas em mamadeiras, e offerecem-nos uma serie immensa de estatisticas em que, na verdade, quasi todas as crianças assim alimentadas são crianças mortas.

Fôra de peso este argumento, si as estatisticas tivessem o valor que lhes attribuem os hygienistas; mas

conhecemos as condições em que infelizmente são feitas, e não podemos por isso prestar-lhes fé.

Eis como se exprime Fonssagrives, appellando para ellas

Les chiffres, nous le dirons tout à l'heure, ne font pas complétement défaut sur ce point; mais ils ne remplissent pas encore cette condition des grands nombres sans laquelle ils n'ont qu'une signification indécise ; de plus, ils n'embrassent aussi que des enfants admis dans les hôpitaux, et par suite, offrant des conditions originelles qui peuvent peser sur les resultats de ce mode d'alimentation. (*)

É preciso notar que o autor citado é um dos que gritão contra a mamadeira.

Procedendo com discernimento nestas questões, póde-se vêr que não é a mamadeira a causa da mortalidade a que se referem os autores, e antes a falta de cuidado no seu emprego.

O autor acima citado (**), fallando desse instrumento, pronuncia-se do seguinte modo:

Et s'il s'entend tous les jours accoler l'épithète de *meurtrier,* c'est parce qu'on l'emploie sans mesure, sans opportunité, sans discernement, et surtout sans l'intelligence des soins que il reclame.

Não temos necessidade de continuar em citações, para provar a falta de valor das proposições avançadas

(*) Fonssagrives.—*Entretiens familiers sur l'hygiène.*—Pariz 1870.
(**) Fonssagrives.—*Leçons de hygiène infantile.*—Pariz 1882.

contra o aleitamento artificial. Si elle é mal feito, mata como mata qualquer outro em identicas circumstancias.

Conhecemos diversas crianças que devem a robustez e a saude a este modo de aleitamento. Como, pois, accusal-o de assassino ?

Quando a mãi não póde absolutamente aleitar o filho, deve rocorrer á mamadeira.

Vejamos qual é o leite que mais convem á nutrição da criança.

Como o autor acima citado, dividimos as differentes especies de leite em tres categorias :

1ª, os *gordos* (leite de vacca, de cabra, etc.), caracterizados por sua riqueza em manteiga, que póde chegar algumas vezes, para o leite de cabra, a 75 grammas por litro, e por uma riqueza média em caseum e em assucar;

2ª, os *leites caseosos* (de cabra e de ovelha), caracterizados pela abundancia do principio coagulavel;

3ª, os leites magros e assucarados (de mulher, de jumenta, etc.), que contêm uma grande porção de lactose, pouca manteiga, muita albumina e uma porção muito consideravel de sáes.

É claro, pois, que se deve escolher, para substituir o leite da mulher, o de um animal collocado na mesma serie. O leite da jumenta seria o melhor, porém a difficuldade de encontral-o o põe fóra da escolha. O leite

de vacca ou de cabra, por mais facil acquisição, é o geralmente empregado. (*)

Mas, em virtude de sua riqueza, em manteiga e caseina, é preciso que se lhe junte agua para leval-o ás condições do leite da mulher. Nas primeiras semanas deve-se juntar uma parte d'agua para uma e meia de leite. Esta proporção irá diminuindo com os progressos da idade, até que a criança possa tomar o leite puro. O leite deve ser dado em uma temperatura que se approxime da sua:—38° mais ou menos.

É de rigor que seja lavada a mamadeira todos as vezes que tiver de servir.— Com esta pratica evitar-se-hão os effeitos do leite fermentado que se reune no bico da mamadeira.

A marcha do aleitamento é a mesma que descrevêmos para o aleitamento materno, porém póde continuar exclusivo até passada a primeira dentição.

Tomadas todas estas precauções, acreditamos que o aleitamento artificial dará os melhores resultados.

O *aleitamento por um animal*, usado antigamente, é hoje esquecido.

O aleitamento mixto, de que já fallámos, emprega-se nos casos em que a mulher não póde por si só amamentar.

(*) Conhecemos duas robustas crianças criadas exclusivamente pelo LEITE *condensado*.

Quando se deve dar principio ao desmamar ? Não se póde fixar o limite da amamentação. Seguimos a maioria dos autores, subordinando-o ás condições da saude materna e do filho, e ao estado da dentição.

Si o aleitamento torna-se pouco fructuoso para a criança e perigoso para a mãi, convem, suspendel-o e servir-se do aleitamento artificial ; simples, si a criança tem menos de seis mezes, ou juntando-lhe alguns alimentos, si já passou desta idade.

Mas o que nos póde servir de criterio para julgar da opportunidade do desmamar é o estado de dentição, como o queria Trousseau.

Sabe-se que esta operação começa ordinariamente entre cinco e oito mezes, e que os dentes sahem por grupos entre os quaes ha um periodo de repouso.

Assim, o primeiro grupo é constituido pelos incisivos medianos inferiores ; o segundo pelos superiores ; o terceiro pelos incisivos lateraes superiores e os incisivos lateraes inferiores.

A criança tem então oito dentes, e o trabalho da dentição soffre uma parada, que póde ser aproveitada para o desmamar.

Vêm depois os primeiros pequenos molares. Entre este grupo e o seguinte ha um repouso de tres mezes.

Trousseau esperava que sahissem os caninos para desmamar a criança.

Infelizmente estes dentes apparecem muito tarde, quando a criança tem vinte mezes, e nesta época é rara a mulher que póde, sem soffrer, amamentar.

Fonssagrives diz que não é o intervallo que separa o apparecimento do quarto canino do primeiro grande molar que é preciso escolher; mas, tanto quanto possivel, o que separa o ultimo pequeno molar e o canino.

O numero impar de dentes é para Trousseau motivo para differir o desmamar, que iria coincidir com um periodo activo de evolução dentaria.

Reflectindo na analogia das perturbações digestivas e cerebraes produzidas pela dentição e pelo desmamar extemporaneo, comprehende-se a utilidade do preceito do illustre clinico do Hotel-Dieu.

Nem sempre a evolução da dentição segue a regularidade que lhe assignalamos. Não é raro verem-se incisivos sahindo ao mesmo tempo que molares e caninos.

Nestes casos escolher-se-ha o momento que offerecer menor perigo.

Quando o novo regimen provocar accidentes graves, a mãi póde, pouco tempo depois do desmamar, fazer apparecer a lactação, offerecendo o seio á criança.

Gubler, Trousseau, Meyer, Perrin e outros citão casos de volta de leite com abundancia ás mulheres que não aleitavão desde mezes.

É, pois, uma fonte que se deve explorar nas molestias que complicão a dentição e o desmamar.

Dous methodos achão-se em presença, ambos seguidos por autores recommendaveis, para essa operação; *o desmamar brusco e o desmamar lento.*

Donné, que autoriza o primeiro, fundava-se em que, dando duas vezes em vinte quatro horas o seio á criança, o leite extrahido deve estar deteriorado em virtude da estagnação.

Inclinamos-nos ao segundo modo, que se funda em uma das leis que regem a animalidade—a lei do habito. A transição gradual que se opéra por este methodo, habituando pouco a pouco a criança á modificação em sua alimentação, torna-a mais supportavel.

É de Hyppocrates o seguinte trecho:

> Supportão-se bem os alimentos e as bebidas aos quaes se está habituado, mesmo quando a sua qualidade não è naturalmente bôa, e supportão-se mal os alimentos e as bebidas aos quaes não se está habituado, mesmo quando a qualidade não é má.

Não é necessario continuarmos em citações para mostrar a conveniencia da lentidão na marcha do desmamar.

Já dissemos acima que aos seis ou oito mezes devia-se começar a addicionar ao leite os alimentos de transição com o fim de preparar o apparelho digestivo da criança às substancias solidas que o novo regimen introduz.

Augmenta-se progressivamente a quantidade dos alimentos addicionaes á proporção que se diminue o leite, e, si a criança ainda mama durante a noite, é preciso fazel-a perder este habito, dando-lhe o seio sómente durante o dia.

Depois de algumas semanas, um pouco de *quassia amara* no mamelão è sufficiente para pôr termo ao aleitamento.

Durante o desmamar deve-se cercar a criança de todas as precauções, e voltar ao aleitamento, si sobrevierem diarrhéa e emmagrecimento. É uma das vantagens do desmamar lento.

Occupemos-nos agora do regimen alimentar desde o fim da primeira dentição aos sete annos.

O leite, as papas, e uma vez ao dia os caldos, são os alimentos que convêm até dous annos.

A carne que algumas familias dão nessa idade é um alimento perigoso.

Não só a mastigação incompleta produz no tubo digestivo muito susceptivel da criança frequentes indigestões, que podem conduzir a uma gastro-enterite, como tambem as propriedades fortemente excitantes da carne accelerão o crescimento, activão a circulação e a predispoem ás molestias imflammatorias.

Não é só de fraqueza que se morre, o excesso de excitação é tambem uma causa de morte.

Além destes inconvenientes, o uso precoce da carne exerce uma influencia funesta sobre o caracter.

Todos os homens, diz Hufeland, todos os animaes unicamente carnivoros são violentos, crueis, apaixonados; ao contrario, uma nutrição vegetal nos dispõe á doçura e á humanidade. É o que a experiencia tem-me mostrado muitas vezes. Certas crianças, ás quaes tinha-se dado carne prematura e superabundantemente, tornarão-se, é verdade, homens robustos, mas apaixonados, violentos e brutaes; duvido, por minha parte, que taes disposições as tenhão tornado capazes de fazerem a felicidade propria ou a dos outros.

Ha casos, porém, como diz o mesmo autor, em que a carne presta bons serviços; é assim que, tratando-se de crianças de constituição fraca, é vantajoso o seu emprego. Então actua como medicamento.

Até dous annos, pois, a carne deve ser interdicta.

Dahi em diante, ella entrará na alimentação, a principio uma vez por dia, depois duas vezes.

O peixe, a carne de gallinha, o pão, os ovos quentes e sempre o leite devem constituir o regimen alimentar da criança.

As refeições devem ser feitas a horas certas, para prevenir os desarranjos gastro-intestinaes a que são expostas continuamente na alimentação desregrada, e nisso tambem vai o habitual-as á ordem.

De dous annos aos quatro, cinco vezes por dia, e dessa idade aos sete annos, quatro é o numero de refeições

sufficientes á satisfação das necessidades organicas infantis muito exigentes.

Póde-se dar vinho á criança? Sómente nos casos em que a debilidade pede forte excitação. Então é elle um medicamento. Nas mesmas condições estão o café, o chá e todos os excitantes, que, habituando o organismo a uma excitação que não póde despensar depois, estimulão poderosamente a expansão dos motores egoistas.

Agua e leite são as unicas bebidas que convem na primeira infancia.

Asseio. O asseio é a columna fundamental da saude, dizia Hufeland. Na verdade, o papel physiologico de que gosa a pelle nas funcções organicas mostra-nos de que perigos estaria cercada a vida do individuo, si a agua não lhe offerecesse o meio de conservar desobstruidas as pequenas aberturas que atravessão essa membrana. Para este effeito, empregão-se os banhos, que têm tambem a importante vantagem de fortificar o organismo, dando-lhe maior poder de resistencia ás perturbações exteriores.

Perfeito accordo existe entre os autores, quando se occupão da necessidade dos banhos. Em tratando-se, porém, da temperatura que deve ter a agua, dividem-se as opiniões. Pondo-as de parte, desde já nos declaramos pela utilidade dos banhos mornos nos primeiros mezes da vida, e pela superioridade incontestavel dos banhos frios

desde o setimo mez. Hufeland queria que estes ultimos fôssem começados na sexta semana. Com as condições do nosso clima, parece-nos prematura esta época. Para chegar ao uso do banho frio, deve-se diminuir progressiva e insensivelmente a temperatura da agua.

Tres precauções convem tomar na administração dos banhos frios: 1ª, devem ser rapidos para que se produza uma reacção salutar ; 2ª, deve-se attritar todo o corpo da criança, emquanto dura o banho, para facilitar essa reacção ; 3ª, o corpo deve ser immediatamente enxuto, para evitar os perigos de um resfriamento.

Os banhos serão quotidianos. Um pela manhã, meia hora depois do despertar.

Somno. O somno é um dos actos mais importantes da vida do infante, e tanto mais necessario quanto mais approximado está elle de sua origem. Nos primeiros dias a existencia distribue-se-lhe entre o dormir e o mamar.

Merece todo o respeito este somno permanente que Hufeland chamava, com muita razão, um prolongamento da incubação uterina. É preciso, pois, nunca interrompel-o. Convem, porém, começar a regrar este acto aos seis mezes, diminuindo progressivamente o somno diurno, muito menos reparador do que o da noite, de modo que aos tres annos não durma durante o dia.

Deitar-se cedo para levantar-se cedo é um preceito que todos os autores formulão.

É um máo habito o de certas mãis adormecerem os filhos nos joelhos. Não só tem isto o inconveniente de dar-lhes durante o somno posições viciosas, como é impossivel fazel-os perder depois um tal habito.

O melhor é deital-os no leito, onde esperaráõ que lhes chegue o somno. A temperatura do aposento infantil deve ser escolhida de modo a escapar a todas as variações e á humidade.

Vestuario. O fim do vestuario nas crianças, como no adulto, é occultar-lhes a nudez e protegel-as contra a influencia, por vezes prejudicial, dos agentes exteriores. Preenchendo-o, as vestes devem ser feitas de modo a deixar completa liberdade aos movimentos. Quanto é raro actualmente encontrarem-se reunidas estas condições!

As mãis vestem os filhos, parece, mais para chamar a attenção dos que os veem, do que para garantir-lhes a saude no meio das modificações da temperatura exterior.

Na estação fria trazem os pequenos com os peitos e as pernas nuas, na calmosa sobrecarregão-os de sêda e lã. Vaidade e ignorancia.

Já dissemos como cumpria vestir o recemnascido.

Essas vestes devem ser conservadas até os quatro

mezes, idade em que convem alliviar a criança da flanella e da touca de meia, substituindo a ultima por uma de linho, emquanto os cabellos não bastarem à protecção da cabeça.

Os pannos que a envolvem tornar-se-hão progressivamente mais leves e sempre amplos.

Isto e a subordinação da natureza dos pannos á temperatura exterior constituem as regras que devem dirigir o vestuario do infante.

Vaccinação.— Foi grande o progresso realizado na medicina pela descoberta de Jenner. Em vez de solicitar da therapeutica meios para o tratamento da variola, o medico sente-se feliz ao poder pela vaccina preservar os semelhantes dos perigos a que os expõe essa molestia.

Entre uma affecção caracterizada por symptomas aterradores, que podem determinar a morte, e uma simples indisposição passageira, quem hesitará na escolha? A experiencia, a mostrar-nos que a variola tem particular predilecção pelas primeiras idades, indica a urgencia da vaccinação. Mas esta não deve ser praticada, pelo menos, antes de duas semanas. Dentro deste periodo têm-se visto casos de tetano succederem á inoculação do virus.

Não reinando epidemia variolica, não ha inconveniente em esperar pelo terceiro mez para a vaccinação.

Formão os musculos um systema de orgãos que só por si constituem quasi dous quintos da massa total da economia no homem adulto bem constituido. Apenas esboçados na criança, os musculos da vida de relação têm necessidade de exercicio para desenvolver-se. Do cultivo de suas aptidões funccionaes resulta-lhes o aperfeiçoamento, cultura esta tanto mais indispensavel quanto é lei biologica que a falta de exercicio atrophia o orgão, e póde acabar por tornal-o inutil.

As primeiras contracções automaticas da criança são a manifestação da necessidade do movimento a accentuar-se com a marcha da idade.

Comprehende-se, porém, a desharmonia do desenvolvimento das massas musculares, a falta de agilidade e precisão dos movimentos, si não se os regrasse, instituindo a educação kinesiatrica.

Da mesma fórma não se deve desprezar a educação dos sentidos, estas janellas abertas por onde recolhe o cerebro os materiaes das idéas sob que elabora os pensamentos. Para pensar é preciso ter idéas, para ter idéas, observar, e a observação é por meio dos sentidos que se faz. Se estes instrumentos essenciaes não fôrem exercitados e aperfeiçoados, é claro que a observação será mal feita, a imagem indistincta ou fugitiva e o pensamento confuso e erroneo.

As necessidades materiaes são os excitantes ordinarios

da actividade humana. Mas na criança, como na hypothese formulada por Augusto Comte de uma sociedade em que a alimentação solida e liquida fôsse tão facil como a aerea, cessa aquella excitação em virtude dos cuidados com que a cercão os pais, provendo-a do necessario. Neste caso a actividade soffre na intensidade, e mesmo na sua natureza, profundas modificações. Comtudo fòra impossivel concebel-a extincta, porque seria negar á região activa do cerebro a tendencia natural do exercicio directo, mesmo suppondo-o vago, sem destino exterior. Em vez, porém, de produzir actos propriamente ditos, a actividade torna-se esthetica, e significa a manifestação das emoções por meio de movimentos, que, como sabemos, são os mesmos, quer tenhão por fim a expressão ou acção.

Não existindo a verdadeira acção, a actividade infantil expande-se em *jogos*, que, constituindo puros meios de exercicio e prazer, tornão-se uteis preparações á existencia pratica. Nos jogos bem combinados e escolhidos, com a attracção que os reveste, encontra a criança exercicio para a região activa (o caracter), e os orgãos que lhe estão appensos (musculos) para os sentidos e demais faculdades.

A intervenção therapeutica nas molestias da infancia é guiada por certos preceitos que, olvidados, acarretão graves prejuizos.

As variadas molestias que sóem acommetter as crianças são de ordinario a convergencia de indisposições insignificantes que, descuradas, incrementão-se e tornão-se aterradoras. Leves indigestões repetidas, vomitos, diarrhéas descuradas, são o inicio de uma serie de symptomas que terminarâõ pela morte. A *atrophia infantil* dos antigos, modernamente denominada *athrepsia*, é frizante exemplo do que avançámos. Entretanto modificações introduzidas opportunamente no *regimen* offerecerião forte barreira aos progressos da affecção. Antes de qualquer intervenção therapeutica, as prescripções dieteticas devem ser tentadas contra a evolução dos processos morbidos infantis. Si, como diz Broussais, entre o phenomeno hygido e o morbido sómente existem differenças de intensidade nas leis que os regem, é claro que no regimen principalmente encontra o pratico o meio de debellar a molestia, levando o organismo ás condições normaes de existencia. Mais se encanece na pratica, menos é a disposição de pedir soccorros á pharmacia, como diz o Dr. Archambault:

> Mais sobrio se fica de therapeutica propriamente dita, salvos certos casos bem determinados.

Deve o medico lembrar-se sempre que *todo estado statico ou dynamico tende a persistir espontaneamente sem nenhuma alteração, resistindo ás perturbações*

exteriores, e, por conseguinte, fica-lhe a acção limitada a collocar o organismo em condições de poder resistir á molestia, afastando as influencias interiores e exteriores que oppoem obstaculo ao restabelecimento da harmonia destruida.

Mas a expectação a mais completa, diz o professor West (*), não nos tira o poder de regrar o regimen da criança, a temperatura de seu aposento, a natureza de seus jogos, de proscrever de sua alcova a luz viva e os ruidos fortes; e bastão estas simples precauções para fazer desapparecerem numerosas affecções leves da infancia.

As medicações especiaes ficão assim reservadas para os casos em que as perturbações organicas profundas ameação destruir o organismo. Assim, si nas molestias da infancia tudo se deve temer, tudo tambem póde-se esperar, pois, graças ao movimento nutritivo e gerador, a desordem funccional que parece trazer a destruição organica é completamente vencida por uma crise salvadora. Na therapeutica infantil as pequenas dóses medicamentosas produzem melhor effeito do que a medicação turbulenta. A susceptibilidade das crianças exige que os medicamentos sejão-lhe administrados nas dóses minimas e da maneira menos desagradavel.

Peu, très peu, produit de grands effets, diz Hufeland. (**)

(*) Ch. West.—*Leçons sur les maladies des enfants.*— Trad. pelo Dr. Archambault.
(**) Hufeland.—*Médecine pratique.*

No tratamento das crianças não ha pormenores a desprezar, a mais pequena circumstancia tem muitas vezes immenso valor. Todo o pratico deve ser aqui minucioso, e, além de solidamente instruido, extremamente delicado.

III

MARCHA DA EDUCAÇÃO MENTAL E MORAL DA PRIMEIRA INFANCIA

SUMMARIO

Posição da questão.—Da construcção dos seres.—Logica dos sentimentos.— Marcha gradual desta construcção e resultados. — Da linguagem.—Educação da intelligencia e do sentimento.—Conclusão.

Com a saude e a conservação do corpo, a alegria e a pureza d'alma. É a mãi, a quem incumbe o gerar e nutrir, quem deve ainda guiar, isto é, favorecer nos filhos as tendencias verdadeiramente humanas e restringir ao minimum da energia as solicitações puramente animaes.

Debelladas a miseria e a ignorancia materna, ninguem melhor do que o sexo affectivo, dissemos já, paciente, vigilante e terno, assegurará a saude, regulará o coração, e preparará o espirito do que é a carne de sua carne, o sangue de seu sangue.

É sem duvida nessa phase dos primeiros sete annos da existencia que a organização cerebral se deixará

modelar à vontade, que esta massa impressionavel recolherá avidamente, qual terreno virgem, as sementes das emoções e das idéas.

Vivemos em um meio que rege-se por um conjuncto de fórmulas moraes, cuja influencia é crescente na marcha civilisadora que segue a especie humana.

A educação não se faz só pelas pedagogias, mas pelas manifestações da natureza, o maior dos cathecismos, e pelo exemplo, a mais viva das imagens.

Em época de debilidade moral, como a que atravessamos, ha pais que deixão-se embevecer pelas phantasias caprichosas do egoismo infantil, e entregão os filhos á mercê dos desejos. Mas, si são interessantes e graciosas em seu egoismo as crianças, os seus caprichos se vão tornando desagradaveis, odiosos, e com o tempo chega a desillusão: as excrescencias transformão-se em deformidades.

Assim como a educação physica não espera para regular o exercicio muscular que a criança comprehenda as leis do movimento, assim tambem a educação mental e moral não esperará que a utilidade dos preconceitos a incutir lhe seja demonstrada.

A criança que ainda não falla, a criança de berço, não tem então sentimento da sua personalidade, não a nota, não a distingue.

Pela dilatação habitual, progressiva, dos sentidos infantis, as imagens se vão depondo nos ganglios cerebraes, de sorte que, dadas imagens actuaes, o orgão da contemplação, já susceptivel de exercicio, entra em funcção, approxima essas diversas imagens, coordena-as em torno de uma preponderante, que é a visual quasi sempre, concebendo-as ligadas entre si de modo constante em um todo. Assim se faz a construcção do ser: um signal para designal-o constitue-lhe o nome.

Conforme a profunda observação do grande Broussais:

... a criança é levada a nomear-se pela terceira pessoa dos verbos; ella não diz: *eu quero, eu tenho fome*, mas João ou Pedro (o nome que se lhe deu) *quer isto, tem fome...*

. . . .

Esta tendencia é importantissima a notar, porque prova que o homem se percebe pelos sentidos, como percebe todos os outros corpos da natureza. É certo que muito custa sempre fazer comprehender a criança que *eu* tem a mesma significação que o nome proprio.....Esta difficuldade vem de que a criança fórma a idéa de si mesma no exterior de seu corpo; ella vê os nomes ligados a cada uma das pessoas que a cercão, mas é ás fórmas destas pessoas que liga estes nomes, não vai mais longe. É, pois, á sua tambem que ella liga o seu: associão-se estas duas impressões, sua pessoa é para ella *Pedro*, João, Gaspar, palavras que lhe representão seu corpo, suas fórmas. (*)

É evidente que nesta construcção da personalidade, do *eu*, as sensações externas achão-se combinadas com

---

(*) Broussais.—*Cours de phrenologie*—Pariz 1836.

as internas, transmittidas á região especulativa pela séde cerebral das emoções dos sentimentos.

Quanto ás palavras *eu*, *me*, não são mais do que pronomes, como diz a grammatica, isto é, palavras postas em logar do nome, para evitar-lhes a repetição frequente. Ellas indicão que somos capazes de um certo gráo de abstracção, e não que concebemos nossa existencia e nossa pessoa como encerrada no vocabulo *eu* por um facto de pretendida consciencia intima, e sem nenhum documento fornecido pela sensação. (*)

Em presença dessas sensações novas e fortes a que se abre o cerebro pela construcção dos seres, a criança suppõe que toda a natureza vive; animados e inanimados, tudo ella anima de impulsos e desejos semelhantes aos seus: com elles conversa, com elles folga, com elles se encolerisa.

Nada ha de ficticio, nem de arbitrario neste fetichismo infantil, como erradamente suppõe o pseudo positivista Spencer. A criança nesta manifestação intellectual obedece á primeira das leis de philosophia primeira, que é *fazer a hypothese mais simples, mais sympathica e mais esthetica, de accordo com o conjuncto dos dados possuidos.*

Este é ainda o estado do selvagem contemporaneo,e foi o primitivo da evolução da especie, o que quer dizer que

(*) Laffite. *Cours de morale théorique. Politica positiva* (Revista). 1873.

esta lei da evolução humana encontra sua comprovação na existencia individual.

O estado mental infantil,animando seres inanimados, é mais recto que o dos theologos-metaphysicos que considerão inertes os corpos em geral.

A logica infantil não comprehende phenomeno algum independente dos corpos, e por isso empresta-lhes sua propria vida: paixão, intelligencia e actividade, o que caracteriza-lhe o fetichismo.

A logica infantil é a do sentimento, é a que governa os selvagens e mesmo os animaes superiores.

Esta combinação das idéas segundo a ligação das emoções é que dissipa o torpor inicial da intelligencia e faz surgirem as primeiras hypotheses, unicas capazes de concatenar e dirigir as observações que a criança começa a fazer sem o guia da razão.

Só o desdem superficial da metaphysica parecerá desconhecer o immenso poder deste modo instinctivo de pensar que é de todas as idades, predominando então sob o dominio apaixonado, como predomina em toda a infancia.

Deve-se olhar a infancia ccmo a introductora espontanea da subjectividade que a nossa madureza fará prevalecer systematicamente pela subordinação do typo pessoal ao typo social, da analyse á synthese, da conservação ao aperfeiçoamento.

Baldia fôra a pretensão de instituir *á priori* a marcha da educação mental e moral.

Só velhos habitos metaphysicos ou ontologicos alimentarião a aspiração de vêr em nossos processos logicos combinações arbitrarias, e subtrahil-os da consideração propria ao evolutivo exercicio cerebral que os manifesta.

Nas diversas phases da evolução individual, correspondendo ás phases da evolução sociologica, está verificada a longa preparação instituidora da logica universal. A marcha gradativa desta acquisição sempre seguio, como todo o nosso progresso, o impulso da situação, o imperio das necessidades.

Nenhuma concepção humana escapa á reacção total do apparelho cerebral: é sob o impulso do coração e sustentado pelo caracter que o espirito elabora. Fornecendo o coração pelo sentimento a origem e o destino dos pensamentos, é a elle que cabe combinal-os, operando a ligação das emoções impulsivas. Resahe dahi a instituição espontanea do regimen logico fundamental,— a logica dos sentimentos.—Sempre mais involuntario que voluntario este regimen logico, as elaborações intellectuaes, exigindo rapidez e precisão, não poderião só sobre o sentimento escapar ao vago e ao confuso. Dahi a necessidade de uma instituição auxiliar fundada no principio de que—todo sentimento traça uma imagem, e a imagem reproduz o sentimento: nesta connexão toda a

efficacia desta segunda combinação, ou segundo processo logico que facilitou as inducções ficticias, e preparou as inducções reaes. O espirito, operando a combinação das imagens, creou o modo complementar do raciocinio para mais precisão e rapidez.

A elaboração historica successiva e espontanea destes tres meios de pensar é representada pelo fetichismo, que cultivou os *sentimentos*, pelo polytheismo, que elaborou as *imagens*, e o monotheismo, que instituio os *signaes*.

Desta triplice e espontanea elaboração resultou a constituição systematica da logica que Augusto Comte definio :— « o concurso normal dos sentimentos, imagens e signaes, para inspirar-nos concepções que convenhão ás nossas necessidades moraes, intellectuaes ou physicas. »

Inherentes os elementos da verdadeira logica á organização cerebral, já nos animaes superiores encontra-se o esboço que a sociabilidade aperfeiçoa.

Segundo uma interessantissima observação de Augusto Comte, o termo grego *logica* applica-se ao *raciocinio*, e reciprocamente o termo *ragionare*, italiano, designa a simples *expressão*.

Na infancia o desenvolvimento da linguagem é anterior ao do raciocinio, e a instrucção começa, como diz

Audiffrent, « por simples fórmulas cujo sentido só tarde se comprehende e algumas vezes nunca. » O exercicio da linguagem é o melhor estimulante geral do sentimento.

A expressão oral é dos modos de communicação o que, seguido de movimentos mimicos e attitudes convenientes, tem maior efficacia moral.

As communicações mutuas da linguagem reagem profundamente sobre as principaes funcções do individuo. É a linguagem que consagra a riqueza espiritual da Humanidade, e a transmitte a novos cooperadores. É a mãi que exercerá na vida domestica a funcção transmissora da linguagem humana.

A intelligencia infantil desenvolve-se pela observação dos seres, pelo exercicio da contemplação concreta, e é levada espontaneamente a uma synthese fetichica. Os sentimentos, combinando-se com as imagens, serão os materiaes sobre os quaes irá elaborando a mentalidade da primeira infancia.

Este desenvolvimento espontaneo deve ser cuidadosamente respeitado e aproveitado para o exercicio da veneração, do apêgo e da bondade.

É preciso dar ás crianças habitos moraes e incutir-lhes de tal modo que passem ao estado de preconceitos. É a imitação, é o exemplo a fonte da educação moral, deste ensino.

As mãis disciplinarão os filhos de modo a refrear-lhes a colera, a reter-lhes a impaciencia, a moderar-lhes a gulodice. De Maistre dizia que, cêdo começando-se a habituar a criança a privar-se voluntariamente de um torrão de assucar, ensinava-se-lhe já o futuro modo de dominar as paixões.

A nenhuma acção da criança será indifferente esta educação. Muitas vezes um acto infantil, apezar da pouca importancia, traz o cunho ou intenção nociva, e é preciso reconhecel-a sempre para reprimir.

Antes mesmo da criança fallar, já pela inspiração dos sentimentos de apêgo e veneração despertados por habitos numerosos, o tom e o gesto materno a farão agir consequentemente.

A mãi, que o sabe ser, sabe tambem como a ordem e a prohibição podem ser formuladas com uma doçura que não exclue a firmeza.

Quando infelizmente estes meios não bastem, os correctivos corporaes os tornarão effectivos, pois que na educação como na sociedade a submissão é condição necessaria de exito.

A mãi, guiando-se pelo quadro cerebral e servindo-se dos dous processos convergentes de que já fallámos, póde tornar decisiva a unidade cerebral do filho, dando-lhe um centro altruista, fim da educação.

Para fortificar as tendencias bôas tem-se a pratica

das bôas acções e a expansão dos bons sentimentos. O processo da oração, expurgado de todo vestigio theologico, é um processo positivo de cultura moral e adaptado á natureza positiva das existencias adoradas. Si «pedir a riqueza ou o poder é pratica absurda e ignobil, desejar com fervor ser mais terno, mais venerador, ou mesmo mais corajoso, é já realizar em qualquer gráo o melhoramento desejado », como diz Augusto Comte. O culto é, pois, um meio facil e geral de aperfeiçoamento.

Certas operações materiaes poderão ser dadas a praticar ás crianças, pelo duplo effeito que disto se obterá, fazendo não só reconhecer as difficuldades de taes actos, como enternecendo o coração, e inspirando o reconhecimento e a bondade para com os que a estas operações habitualmente se dedicão.

Enfim, neste incisivo verso— *agir por affeição e pensar para agir*—está resumido todo o destino e toda a arte da educação.